



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências - Bauru



TREINADORAS NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

MARÍLIA BALDOINO DOS SANTOS

Bauru
2022

MARÍLIA BALDOINO DOS SANTOS

**TREINADORAS NO FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL: TRAJETÓRIAS EM
CONSTRUÇÃO**

Orientadora: Lilian Aparecida Ferreira

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Campus de Bauru, como um dos requisitos para obtenção do título de bacharela em Educação Física.

Bauru

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelo apoio incondicional sempre, em especial minha mãe, meus tios, meus avós e meus primos, e ao meu noivo, agradeço também aos meus amigos e a minha orientadora, por ter me auxiliado e apoiado em mais um desafio. Agradeço a Deus, por ter me dado saúde e protegido pessoas próximas a mim em um momento tão difícil vivido mundialmente.

RESUMO

As mulheres enfrentam, historicamente, uma maior dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, uma vez que ainda há uma cultura na qual elas são reconhecidas como responsáveis pela maternidade e pelos cuidados com a casa, devendo, quando não exclusivamente, conjugar essa função com outro(s) trabalho(s). O processo de conquista dos espaços femininos para que as mulheres possam usufruir de direitos semelhantes aos dos homens vem se construindo com muita luta. Isso não é diferente no cenário esportivo. No caso do futebol de mulheres, o Brasil passou por diversas fases, desde o seu desenvolvimento, em meados do século XX, a sua proibição na década de 1940 e sua retomada apenas no fim dos anos 1970, o que nos ajuda a compreender a grande diferença na comparação com o futebol praticado pelos homens, tanto no âmbito do lazer quanto no alto rendimento. Tal cenário traz significativas influências em vários campos, dentre eles, o da formação e atuação de treinadoras de futebol. Nesse sentido, esse estudo teve como objetivo identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol de mulheres no Brasil. A investigação, de caráter qualitativo, fez uso da entrevista semiestruturada como técnica de coleta, envolvendo cinco treinadoras da elite do futebol de mulheres que estavam atuando no Brasil no ano de 2021. Os resultados apontaram que todas elas tiveram um início esportivo como jogadoras e, após o fim de suas carreiras, viram na profissão de treinadora uma continuidade dentro do esporte. Dentre os desafios vividos neste percurso foram destacados: problemas relacionados ao machismo, falta de estrutura adequada, falta de apoio por parte dos clubes; problemas salariais. Apesar destes enfrentamentos elas veem um futuro de valorização para a profissão. Estas mulheres revelaram uma conjugação de resistência/persistência com esperança, assinalando que neste campo de disputas, alimentado pelo preconceito, não há conquista sem luta.

Palavras chaves: Treinadoras de Futebol, Futebol de Mulheres, Futebol Feminino

ABSTRACT

Historically, women face greater difficulty in entering the job market, since there is still a culture in which they are recognized as responsible for motherhood and home care, and must, if not exclusively, combine this function with other works). The process of conquering women's spaces so that women can enjoy rights similar to those of men has been built with a lot of toil. This is no different in the sports scene. In the case of women's football, Brazil has gone through several phases, from its development in the mid-twentieth century, its ban in the 1940s and its resumption only in the late 1970s, which helps us understand the great difference in comparison with football played by men, both in terms of leisure and high performance. This scenario brings significant influences in several fields, among them, the training and performance of football coaches. In this sense, this study aimed to identify and analyze the perspectives of women on the construction of their trajectories as coaches in women's soccer in Brazil. The investigation, of a qualitative nature, made use of the semi-structured interview as a collection technique, involving five elite women's soccer coaches who were working in Brazil in the year 2021. The results showed that all of them had a sporting beginning as players and, after the end of their careers, they saw in the coaching profession a continuity within the sport. Among the challenges experienced in this journey, the following were highlighted: problems related to machismo, lack of adequate structure, lack of support from clubs; salary problems. Despite these confrontations, they see a future of appreciation for the profession. These women revealed a combination of resistance/persistence with hope, pointing out that in this field of disputes, fueled by prejudice, there is no conquest without a struggle.

Keyword: Soccer Techniques, Women's Soccer

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1	9
O FUTEBOL DE MULHERES	9
CAPÍTULO 2	17
SER TREINADORA MULHER	17
CAPÍTULO 3	26
TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	26
3.1 Características gerais	26
3.2 Técnica de coleta	27
3.3 Participantes do estudo	29
3.4 Análise dos dados	30
CAPÍTULO 4	34
AS TRAJETÓRIAS DAS TREINADORAS DE FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL	34
4.1 Passado	34
4.2 Presente	40
4.3 Futuro	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
REFERÊNCIAS	68
APÊNDICES	71
Apêndice 1	71
Apêndice 2	72
ANEXO	713

INTRODUÇÃO

Segundo Guterman (2013) o futebol se mostra como uma das maiores paixões do povo brasileiro e que carrega consigo uma identidade nacional gigantesca. Mas de qual dos diversos tipos de futebol estamos falando quando fazemos essa afirmação? O futebol feminino, ou com o termo que será utilizado nesse trabalho, o futebol de mulheres (KESSLER, 2012) faz parte de uma camada de menor apelo nacional quando se comparada ao futebol praticado por homens.

Como trazem Wenetz e Martins (2020), em pleno século XXI, pessoas ainda se surpreendem quando veem uma menina jogando bola, isso em qualquer espaço, sendo ele profissional ou de lazer. A estranheza se acentua quando buscamos uma mulher sendo gestora, torcedora, espectadora, árbitra ou treinadora (KESSLER, 2012; GUTERMAN, 2013; WENETZ E MARTINS, 2020)

Concordando com essas afirmações, Goellner (2020) aponta que:

Representado como um esporte protagonizado por homens, desde os seus primórdios, o futebol tem que configurado como um território pleno de cerceamentos para a ascensão e a permanência das mulheres [...] embora a participação de mulheres em jogos de futebol seja mais evidente na atualidade, este panorama tardou a mudar. Ao contrário da prática por homens, em que foi demasiadamente incentivado como espaço de construção e reafirmação de uma dada masculinidade, o futebol por muito tempo foi considerado impróprio para as mulheres por ser um esporte de contato e, portanto, identificado como bruto e inadequado para uma representação de feminilidade [...] (GOELLNER, 2020, p. 22)

Para compreender brevemente o cenário em que se encontra o objeto de estudo desse trabalho, Kessler (2020) relata que o futebol praticado por mulheres viveu quase quarenta anos de proibição de sua prática de 1941, com o decreto da lei nº 3199 do Conselho Nacional de Desportos, até 1979, década em que houve um fortalecimento dos movimentos feministas e sindicais. Mesmo nos dias de hoje (2022), anos depois do término do decreto, o futebol de mulheres ainda não conseguiu se desenvolver por completo, entende-se por completo, a valorização salarial de todos envolvidos, espaço e materiais de treino adequados, entre outros, o que pode ser constatado com o baixo número de mulheres que jogam futebol no Brasil de forma organizada quando comparamos com outros países da América Latina. A Argentina e

a Venezuela, países infinitamente menores, apresentam um número maior de jogadoras. Para Kessler (2020), esse número apenas reflete o descaso que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tratou (e continua tratando!) o futebol de mulheres.

No caso das treinadoras de futebol de mulheres, estamos falando de uma profissão que ainda se encontra em processo de desenvolvimento, na medida em que, de acordo com Ferreira *et al* (2013), os homens seguem sendo maioria dentro desse espaço. Neste sentido, a conquista desse lugar, por parte das mulheres, se revela parcial, tanto para a inserção quanto para a ascensão dentro da carreira, evidenciando muitos obstáculos (FERREIRA *et al*, 2013).

Tento em vista estes breves apontamentos, os objetivos desse trabalho foram identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol de mulheres no Brasil.

Antecipamos algumas reflexões em torno desta proposição, supondo haver um conjunto de enfrentamentos diários como: preconceitos, problemas relacionados tanto à valorização salarial como também pessoal, permanência na carreira e que podem nos ajudar a compreender a constituição dessa profissão para as mulheres brasileiras.

Em termos da estrutura deste trabalho de conclusão de curso, no primeiro capítulo será apresentado as fases do futebol praticado por mulheres, desde o surgimento do mesmo, todas as barreiras que foram enfrentadas e como está a sua situação nos dias atuais. No segundo capítulo será exposto como a carreira de treinadora se dá em um país como o Brasil, ainda mais em um meio genuinamente masculinizado. No terceiro capítulo, apresentamos a trajetória metodológica do estudo, definindo a abordagem investigativa, a técnica de coleta, as participantes do estudo e a construção das análises dos dados e por fim, no capítulo quatro, as considerações finais.

Em tom de encerramento, são apresentadas as considerações finais, revelando que as treinadoras de futebol de mulheres no futebol brasileiro enfrentam sim diversas dificuldades, que vão desde o machismo até a precarização salarial, porém, esses fatores não são suficientes para que elas desistam, ao contrário, essa resistência/persistência conjugadas com esperança são motivos que as levam a continuar lutando pela carreira.

CAPÍTULO 1

O FUTEBOL DE MULHERES

O futebol de mulheres, de acordo com Kessler (2012), busca superar o uso do termo feminino, pois este traz consigo referências ligadas à feminilidade e à sexualidade que são, de modo recorrente, estabelecidos compulsoriamente às mulheres como um padrão de comportamento “correto”, impondo-lhes atribuições como fragilizadas ou inferiores.

Além da reconceitualização da ideia trazida pelos termos futebol de mulheres, a compreensão de seu processo passa, necessariamente, pela sua constituição histórica (GOELLNER; KESSLER, 2018).

Segundo Goellner (2005), a inserção de mulheres no esporte teve início no séc. XIX com uma participação mais efetiva somente no começo do séc. XX. Todavia, à mulher ainda eram atribuídos os papéis de esposas e mães, como sendo por estes motivos que elas estariam nesse mundo.

Goellner (2005) destaca que no começo do séc. XX as mulheres elas eram vistas como figuras do lar, do recato, da honra, alguém que estava ali para servir a família. A ampliação da presença de mulheres em diferentes espaços sociais veio a partir de muita luta e no esporte não foi diferente, conjugar a mulher do lar com aquela que tinha o direito de sair de casa e realizar outras práticas se mostravam como conflitante. Fazendo um comparativo com os dias atuais, Kessler (2012) ressalta que mesmo com a mudança de papel para uma mulher consumidora, cidadã e ocidental contemporânea, a igualdade de acesso e oportunidades, se comparadas aos homens, ainda é cerceada, principalmente os que se referem ao esporte.

Kessler (2020) ressalta que desde o pós guerra, a inserção da mulher começou a ser gradativamente aceita em muitas profissões, sendo o esporte uma dessas: “As mulheres antes situadas perifericamente no processo de produção mercantil, adquiriram espaços profissionais que eram reservados aos homens, tanto na esfera produtiva empresarial quanto na esportiva” (KESSLER, 2020, p. 54)

Mourão e Morel (2005) quando falam dessa iniciação da mulher no futebol, assinalam que, inicialmente, este futebol era tido por muitos como um divertimento, devido à pouca intimidade das jogadoras com o esporte. Era como se o jogo que elas

desenvolvessem fosse visto mais como uma comédia, uma caricatura, porém, vindo de outra perspectiva, eram nesses momentos que as mulheres estavam dando início a um processo de busca pela legitimação da sua presença nos esportes.

Ainda sobre o começo do longo caminho das mulheres no esporte, Goellner e Kessler (2018) contribuem dizendo que:

O esporte – o futebol – compunha um conjunto de atitudes modernizadoras, configurando uma experiência vivenciada por mulheres que, indiferentes às convenções morais e sociais daquele tempo, aderiram a sua prática independente do discurso hegemônico de cerceamento, cujo protagonismo não se traduz apenas em resistência, mas em ação. (p. 5)

Goellner (2005) ressalta que, mesmo que as mulheres tenham dado início a prática nos anos iniciais do sec. XX, fica muito claro que a sua participação era inferior a dos homens. Mesmo naqueles momentos em que as mulheres participavam de alguns eventos esportivos, estes se constituíam como espaços de desmoralização feminina, devido a exibição de seus corpos. Depreendemos daí como o esporte era um território incerto, pois fascinava tanto homens quanto mulheres e, através dele, era possível conjugar tensão com o controle e liberação das emoções.

Teixeira e Caminha (2013) vão no mesmo sentido, dizendo que muito do preconceito vivido pelas mulheres estaria ligado à necessidade de assegurar esse “padrão” da representação social do feminino que vinculava à mulher a imagem de mãe e de dona do lar, bem como da divisão binária na qual a mulher era vista como frágil e o homem como forte.

Furlan e Santos (2008) contribuem ao afirmarem que a reflexão sobre as questões de gêneros são construídas em cima de papéis que são ditos como femininos e masculinos e têm como ênfase o caráter social. Entretanto, para os mesmos autores, a igualdade entre mulheres e homens deve ser pautada pelo reconhecimento de suas diferenças, envolvendo a construção sociocultural dos costumes, normas e condutas dos seres humanos, tanto da dimensão sociológica como também na social. No Brasil, na trajetória da história das mulheres, percebemos uma constante luta para quebra de regras e normas que as impediram de se expressar e ser o que queriam ser.

Isso também pode ser visto em outros contextos com o trazido por Teixeira e Caminha (2013), ao denunciarem que é possível enxergar o preconceito de gênero

dentro do contexto escolar, o que também contribui para a dificuldade de inserção da mulher no esporte. O fato de desencorajarem repetidamente as meninas para a prática do futebol, ancorados no determinismo biológico e nas divisões das funções sociais por gênero, isso naturaliza a ideia de que mulher não deve jogar futebol. Para os mesmos autores, quando os professores não problematizam, de forma pedagógica e crítica, os diferentes tipos de preconceitos em suas aulas, eles contribuem para o fortalecimento de comportamentos e atitudes sexistas. Os autores fazem um alerta: “Ressaltamos, finalmente, que o princípio que fundamenta o preconceito nas aulas de Educação Física é ainda a ideia do sexo frágil associada à crença do futebol como espaço ritual e mítico da masculinidade” (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, p.18)

Souza Junior e Reis (2018) trazem um dado que pode ajudar a compreender esse cenário escolar. De acordo com os autores, era comum, na década de 1960, a não inclusão do futebol como conteúdo para as turmas de meninas das escolas brasileiras. Com tal dinâmica, perdia-se, naquele momento, a possibilidade de aproximação das meninas com esse esporte e dos meninos a se familiarizarem com essa abertura.

Indo na mesma perspectiva, Furlan e Santos (2008) também visualizam as aulas de Educação Física escolar como uma das rotinas que se refletem no fortalecimento da falta de espaço para a participação de mulheres nos esportes. Os autores destacam que na Educação Física escolar brasileira as meninas sempre foram tidas como mais frágeis e dóceis, em contrapartida, os meninos eram vistos como dotados de força e poder, marcas que, seguem construindo estereótipos de gênero. Os autores também defender que os professores de Educação Física precisam reconhecer o papel da escola nessas questões de construções sociais do masculino e do feminino, bem como, criar ambientes não segregadores com práticas que possam ser realizadas em conjunto, minimizando preconceitos e discriminações dentro das aulas. De modo incisivo, os autores assim se posicionam:

Nesse sentido, torna-se imperativa a mudança nas práticas educativas dentro das escolas, para que possam propor o fim do sexismo no esporte. O esporte muitas vezes se traduz como um importante elemento de visibilidade da mulher na sociedade e no espaço público; muitos nomes que se destacaram como talentos esportivos são resultantes de lutas ao longo dos anos por conquistas nesse espaço, marcadamente masculino. (FURLAN; SANTOS, 2008, p. 13)

Knijnik e Vasconcellos (2003) sinalizam que o futebol não é um espetáculo democrático, não são todos que participam e as mulheres não fazem parte dessa democracia. Kessler (2012) vai na mesma linha ao enfatizar que: “Difícilmente se poderia afirmar que no Brasil há uma política esportiva democrática” (KESSLER, 2012, p. 5).

Goellner (2005) traz outros problemas que acentuam a dificuldade da inserção da mulher no esporte, na medida que acreditava-se que o esforço físico, o suor excessivo, as emoções a flor da pele, gestos com seus corpos, as roupas que seriam utilizadas, dentre outras coisas comuns na cultura esportiva, quando relacionados às mulheres, comprometeriam e poderiam até romper com aquela imagem ideal de ser feminina, desestruturando os ambientes de sociabilidade mantidos e criados para e pelos homens.

Mourão e Morel (2005) também dizem que:

A utilização indevida do princípio da naturalização do fato social, sob o qual se apoia a compreensão de que as atitudes femininas são determinadas pela influência de suas características biológicas, foi o que serviu de âncora à ideia dominante da superioridade do sexo masculino sobre o feminino. [...] A construção cultural brasileira concebe o esporte, e especialmente o futebol, como um espaço de práticas sociais masculinas através da sua história. E o futebol como uma prática esportiva identitária da construção deste masculino minou, por concentrar uma resistência, ainda maior, do que os outros esportes à prática feminina. (p. 6-7)

Furlan e Santos (2008) contribuem relatando que o processo pela autonomia social, bem como, a inserção da mulher no universo esportivo, percorreu um longo e conturbado caminho marcado por enfrentamentos de barreiras e dificuldades, muitos dos quais, ainda precisam ser superados.

Para Salvini e Marchi Júnior (2016a, p. 01): “A determinação legal das práticas esportivas pelo público feminino ocorreu no ano de 1941 com a implantação do Decreto-Lei 3.199^a o qual proibia as mulheres de praticarem atividades esportivas de qualquer natureza”. Mourão e Morel complementam:

Ainda em 1941, o general Newton Cavalcanti apresentou ao Conselho Nacional de Desportos algumas instruções que considerava necessárias para a regulamentação da prática de esportes femininos. Estas serviram de base para a elaboração de um documento que oficializou a interdição das mulheres a algumas práticas esportivas, tais como as lutas, o boxe, a prática do futebol [...] pois constituírem

desportos violentos e não adaptáveis ao sexo feminino. (MOURÃO; MOREL, 2005, p.5)

Goellner e Kesler (2018) sinalizam que a proibição da participação das mulheres em determinados esportes durou até o final da década de 1970, não coincidentemente uma época que o movimento feminista ficou mais fortes no Brasil. A inserção com mais força da mulher no mercado de trabalho, bem como, a quebra de ideias hegemônicas, que eram muito disseminadas no começo do século, também contribuíra para essa conquista. Mesmo com a proibição, a prática de lazer ainda existia, tendo uma maior restrição no quesito da profissionalização, algo que sem dúvidas, atrasou e muito no que diz respeito ao futebol de mulheres em nível profissional.

Souza Junior e Reis (2018) relatam que a proibição da prática do futebol por parte das mulheres pode ter contribuído com apagamento desta experiência no meio midiático. Entremeio a estas perdas para as mulheres, havia um registro de 1958, na cidade de Araguari, no Triângulo Mineiro, que mulheres que estavam praticando futebol ou por desinformação ou realmente porque estavam alheias ao decreto vigente.

Goellner (2005) contribui dizendo que a partir dos movimentos citados anteriormente, nos primeiros anos na década de 1980, começou o surgimento de times de futebol feminino, alguns times criaram suas equipes e novos campeonatos começaram a surgir no cenário esportivo brasileiro. Porém, mesmo assim, o futebol de mulheres não conseguiu fugir de estereótipos e preconceitos, Mourão e Morel (2005) remontam alguns comentários, presentes na mídia nas décadas de 1970 e 1980, que criticavam o futebol praticado por mulheres, fazendo referências a trabalhos domésticos ou a respeito da sexualidade.

Souza Junior e Reis (2018) colocam que o início da profissionalização do futebol praticado por mulheres de fato começou a acontecer na década de 1980. Todavia, mesmo com o passar dos anos, a obtenção de patrocínios e a falta de políticas públicas voltadas para ações afirmativas no tocante à igualdade de gênero dentro do futebol ainda é superficial e tem pouco impacto para as mudanças desejadas.

Knijnik e Vasconcelos (2003) contribuem com estas mesmas perspectivas de análise ao apontarem que a Federação Paulista de Futebol estava bastante

preocupada em levar certo dinamismo para o futebol praticado por mulheres e, com isso, promoveu uma seleção de atletas para direcioná-las para grandes clubes do estado de São Paulo. Os próprios dirigentes da Federação relatavam, à época, que um dos principais objetivos era que no próximo campeonato feminino houvesse um embelezamento das atletas com a tentativa de criar uma imagem do futebol ligado à feminilidade. A campanha queria mostrar que era possível para as mulheres terem características femininas e jogar futebol (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003).

Em mais uma preocupação relacionada à imagem das mulheres e do futebol de mulheres, Mourão e Morel (2005) evidenciam a história da jogadora Milene Domingues. Em 2003 ela foi convocada para a seleção brasileira muito mais pelo seu relacionamento com um ídolo do futebol brasileiro do que por quesitos táticos. Milene tinha um relacionamento amoroso com o famoso jogador Ronaldo Fenômeno e sua visibilidade, como mulher, com um relacionamento heteroafetivo e mãe, trariam para o futebol feminino a “boa imagem” que pretendiam passar.

As ações de marketing pensadas para a popularização do futebol feminino centrada no embelezamento das atletas, como trazem Souza Junior e Reis (2018), foram realizadas em diversas tentativas: como peneiras para jogadores que fossem sub-23; utilização de cartazes com modelos para a promoção de seletivas; uso de uniformes diferentes para se adequar ao corpo das meninas. Os autores também trazem que:

À primeira vista, tal procedimento poderia ser julgado como uma maneira de se dar o pontapé inicial para a popularização do futebol de mulheres, que, apesar da conotação preconceituosa e discriminatória, poderia produzir alguns efeitos positivos, como o aumento do número de praticantes.” (SOUZA JUNIOR; REIS, 2018, p. 592)

Salvini e Machi Júnior (2016b) investigaram os registros do futebol de mulheres ao longo dos anos em uma revista específica sobre esporte e corroboram para o que foi citado anteriormente. De acordo com os autores, nas décadas de 1980 e 1990, mesmo ressaltando a habilidade das mulheres que jogavam futebol, e que, em muitos casos, possuíam outros empregos e jogavam futebol apenas como uma prática de lazer, sem muita perspectiva de profissionalização, as matérias midiáticas davam relevo às inquietações a respeito de seus corpos, sua beleza e sua sexualidade.

Corroborando ainda com este mesmo ponto de vista, Moura *et al.* (2010) investigaram os problemas que as mulheres encontravam para permanecer em esportes considerados masculinos. Os autores identificaram que o futebol estava entre estes esportes, e para a mulher que decidia praticá-lo isso alimentava socialmente uma série de rotulações, tanto no nível profissional quando na iniciação esportiva. Os autores também constataram que:

Quando existia uma forte identificação entre esporte e masculinidade, ela não desapareceu totalmente dado que as mudanças nem sempre são rápidas, as mulheres que decidiam escolher esse tipo de esporte eram relacionadas à uma orientação sexual homoerótica. Desta forma, a decisão de ingressar nestas práticas trazia consigo uma série de rotulações. Uma questão significativa é o grau ou importância que ainda tem a identificação esporte-masculinidade e como continua incidindo nas escolas. (MOURA *et al.*, 2010, p.3)

Ainda nesse sentido, Goellner (2005) vai alertar para o fato de que a erotização do corpo e o apelo à beleza são pilares de sustentação em prol da formação de jogadoras bonitas e atraentes. Isso contribuiria para atrair mais público para os estádios e ampliar a venda de produtos, desencadeando em mais patrocinadores interessados no futebol de mulheres, aspecto que acompanha as justificativas das mídias com relação às transmissões destes jogos.

Mourão e Morel (2005) denunciam que a mídia brasileira no futebol de mulheres ora alavanca o esporte e ora o torna mais vulnerável, este último aspecto ainda tem sido o mais acentuado. Ainda assim, o desligamento da imagem do futebol como um esporte masculino é lento, mas é certo que a narrativa de revistas, jornais, televisão e internet poderiam contribuir para uma construção de uma identidade das mulheres no futebol.

Não se trata somente das mídias, mas de um conjunto de fatores. Como assinalam Furlan e Santos (2008), a participação das mulheres dentro do esporte também carece de investimento e políticas públicas de inclusão delas no esporte.

Kessler (2020) compara o futebol de mulheres a notas de roda pé, na medida em que elas são colocadas às margens e a visibilidade das mesmas fica à mercê daqueles que tem interesse.

Trazendo para os dias atuais o problema na relação do futebol de mulheres e a mídia perduram até o presente, Goellner e Kessler (2018) relatam que:

Além do silenciamento e da invisibilidade de conquistas [...] o futebol de mulheres sobrevive a outras situações problemáticas, sempre em busca de maior projeção na mídia e de conquista de melhorias para a modalidade. [...] Considerando que a mídia tem um papel fundamental na divulgação do esporte e, conseqüentemente no incentivo a sua prática, o pouco espaço, visibilidade e reconhecimento ao futebol praticado por mulheres tem provido não apenas a marginalização das atletas nesse campo específico, como também a anulação simbólica de suas realizações. (p. 7)

Para Salvini e Marchi Junior (2016a), a dificuldade de permanência das mulheres dentro do futebol pode vir de preconceitos de gênero e também pela falta de incentivo financeiro. As mulheres que conseguem se manter e se profissionalizar neste lugar são, muitas vezes, chamadas de guerreiras devido às diversas barreiras, enfrentamentos e dificuldade colocados em seus caminhos. Para os autores, para que o futebol feminino alcance outros patamares, é necessário que haja consumo, e para ter consumo, tem que haver oferta, sejam elas de produtos, equipes, campeonatos.

Moura *et al* (2010) veem o futebol de mulheres com um certo otimismo, para eles o futebol é sim uma prática masculina, mas a inserção das mulheres representam um choque cultural que pode se desdobrar em dois caminhos, o primeiro, a quebra de barreiras e, o outro, a construção de novos significados, com crescente presença das mulheres no futebol, na organização de jogos e campeonatos, bem como, na participação de atletas em programas de jornalismo esportivo.

Goellner (2020) identificou que a quantidade de mulheres que praticam futebol de forma profissional no Brasil cresceu. Em 2019, elas eram 15 mil, mostrando uma evolução nos números apresentados por Silva Junior e Reis (2018) que mapearam 9.907 jogadoras em 2006.

Nesse capítulo foram apresentados alguns aspectos históricos do futebol de mulheres, bem como, desafios com os quais elas se deparam nesse processo de conquista de espaço. No próximo capítulo, trataremos das mulheres que se tornam treinadoras no futebol, suas dificuldades e enfrentamentos.

CAPÍTULO 2

SER TREINADORA MULHER

Como foi visto no capítulo anterior, a inserção da mulher no esporte e, principalmente, no futebol foi e está sendo conquistado com muita luta.

Esse mesmo campo de enfrentamento se revela na inserção das mulheres nos cargos de liderança esportiva, como, por exemplo, o de treinadora. Goellner e Kessler (2018) contribuem relatando que se a mulher já sofria diversas exclusões ou falta de oportunidade para ocupar o espaço como praticante de esporte, isso se agrava, ainda mais, quando falamos da ocupação de cargos de liderança por elas (PFISTER, 2010; GOELLNER E KESSLER, 2018)

Passero *et al.* (2020) complementam que atributos tradicionalmente masculinos são supervalorizados e esperados para quem atinge cargos de liderança esportivo. Ferreira *et al.* (2013) em sua pesquisa, com treze treinadoras de modalidades diferentes, identificou que:

As informantes acreditam que para ser técnica existe um perfil específico, na visão delas, é fundamental para uma treinadora esportiva ter capacidade de liderança. Carisma, conhecimento, responsabilidade para lidar com os atletas e autoridade para manter o grupo coeso e sob comando [...] Devido à forte associação da figura do treinador com a masculinidade, espera-se que o técnico tenha uma postura firme, não surpreendentemente caracterizada por comportamentos agressivos. Assim, para cumprir as expectativas dos atletas e impor autoridade, as técnicas modificam suas atitudes. (FERREIRA *et al.*, 2013, p.16)

Além dessas características masculinizadas, Ferreira *et al.* (2015) em um outro estudo, verificou que as técnicas tendem a mesclar as duas imagens: a feminina e a masculina a seu favor, reforçando a imagem tradicional, sensível e maternal da mulher junto com atitudes mais agressivas tidas como masculinas.

A mulher na posição de líder, em muitos momentos, necessita de uma maior preparação para ser capaz de resistir e enfrentar todos os tipos de situações, muito disso, por causa da desconfiança social da sua competência. A todo momento elas precisam provar que são merecedoras da posição que ocupam e, neste “teste de

qualificação” as vitórias e títulos também contribuem para esse suposto “selo de qualidade” da competência feminina. (FERREIRA *et al.*, 2015)

Sobre essa perspectiva de caracterização binária, Kessler (2012) caminha numa outra direção, chamando atenção para o fato de que, ao observar minuciosamente uma pessoa, notamos que ela possui tanto masculinidades quanto feminilidades afloradas e que as duas são usadas de forma estratégica para superar os desafios diários.

Curiosidade sobre o fortalecimento deste binarismo estabelecido, pôde ser acompanhada em 2016, no Brasil, no âmbito do futebol de mulheres. Emily Lima, treinadora da seleção brasileira de futebol de mulheres, com dez meses de trabalho, conquistando um título e sendo a principal comandante do grupo foi desligada do cargo, sendo impedida de completar um ciclo olímpico no comando da equipe. Foi substituída por Vadão, treinador mediano do futebol masculino. Vadão nunca havia trabalhado com futebol de mulheres, retornou para a Copa do Mundo de 2019 na França, onde o Brasil foi eliminado com uma campanha discreta (SOUZA JUNIOR E PEREIRA, 2020).

Os mesmos autores ainda fazem uma relação com o *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff na presidência do Brasil, nos fazendo refletir. Evento histórico ocorrido no mesmo período em que Emily foi desligada da seleção.

[...] o lugar delas não é na presidência da república e sim como primeiras damas que servem aos seus maridos [...] operando por essa mesma lógica, podemos dizer que, o lugar das mulheres em nosso país ainda não seria o de treinadora de equipes de futebol, ainda que essas equipes fossem de mulheres aptas a assumir o comando da modalidade no país [...]. (SOUZA JUNIOR; PEREIRA, 2020, p. 73)

Ainda fazendo um exercício de comparação política sobre o assunto, Kessler (2012) pontua que:

Mais que arena de apelos estéticos, o esporte deve ser visto como uma arena de exercício político. Ainda é fraca a participação das mulheres em esferas de poder dos clubes brasileiros e das comissões técnicas de equipes de futebol. Majoritariamente, estes espaços são comandados por homens que detêm as funções administrativas. O exercício de uma hegemonia de homens na esfera esportiva futebolística parece carregar consigo aspectos da baixa participação política nacional das mulheres na esfera legislativa. A invisibilidade das ações públicas de mulheres em esferas de poder é tanto presente no campo esportivo quanto no político” (p. 7-8)

A mesma autora ainda complementa que uma das hipóteses que se pode levantar a respeito do assunto é que no Brasil questões sexuais possuem um grande apelo em várias esferas da vida, sejam elas públicas ou privadas.

Goellner (2005) faz uma observação a respeito de mulheres ocupando locais no mundo do esporte. A presença feminina pode causar ameaça, ameaça por que naquele espaço ela chama atenção de homens e mulheres dentro de um ambiente construído e dominado por valores masculinos, além disso, põe em perigo algumas características tidas como constitutivas de sua feminilidade.

Kessler (2005) e Ferreira (2013) fazem a mesma observação a respeito da participação de mulheres em cargos superiores, como cargos de comando esportivo ou até mesmo a presidência de clubes. Ao que se refere a comando esportivo, os homens ainda prevalecem nas esferas administrativas esportivas, incluindo cargos de direção e de tomada de decisão, espaços de domínio masculino.

Outros problemas enfrentados por mulheres que ocupam cargos de liderança no esporte foram constatados por Ferreira *et al.* (2013), identificando que estas eram, predominantemente, solteiras, sem filhos, possuíam outra profissão e não estavam satisfeitas com a remuneração recebida. Com baixos salários, estas mulheres precisam ter outros empregos de modo que possam ter a oportunidade de atuar nestes cargos que, a rigor, não são sequer reconhecidos como profissão quando se trata delas. Também há a dificuldade de conciliar a vida profissional com a vida familiar, já que, em sendo mulheres, muitas vezes, é preciso escolher entre a vida profissional esportiva ou a familiar.

Ferreira *et al.* (2015) igualmente identificaram que as mulheres que estavam inseridas no alto rendimento, tinham uma remuneração financeira que não se apresentava como um fator motivacional para se manterem na carreira.

Para Salvini e Marchi Júnior (2016a), a ausência de mulheres em cargos de destaque dentro de gestões esportivas dos clubes é apenas um reflexo da ausência de mulheres em ambientes públicos, dinâmica que vem se estabelecendo desde o final do século XIX. Para os autores, a maioria dos cargos de destaque tanto na direção dos clubes quanto nas federações são ocupados por homens, não abrindo espaços para as mulheres.

Moura *et al.* (2010) em uma entrevista com uma treinadora de iniciação ao futebol praticado por mulheres, identificaram a dificuldade da treinadora em conseguir a confiança dos pais. Parte dessa confiança só foi construída quando os pais dos alunos viram que ela sabia jogar bola, com base em demonstração de habilidade. Porém, os problemas não acabaram por aí, frequentemente, os pais das alunas queriam saber a respeito das suas preferências e costumes, achavam um jeito de pergunta-la se ela tinha filhos ou se tinha algum relacionamento heterossexual.

Novais e Mourão (2020) apresentam os dados de uma entrevista com nove treinadoras de futebol. Quando questionadas sobre a satisfação com a remuneração recebida e também com a diferença de remuneração entre homens e mulheres na mesma profissão, o reconhecimento financeiro é considerado de médio para bom só para aquelas que já tiveram a oportunidade de trabalhar em times grandes. As autoras também destacam que:

[...] é possível notar que ainda que as mulheres se dediquem à formação plena para ocupação do cargo de treinadora, o reconhecimento financeiro e do trabalho dispensado a elas pode ser inferior ao oferecido aos homens com mesmo nível de qualificação ou até mesmo de nível inferior. [...] isso faz com que as treinadoras precisem ter outras ocupações profissionais que lhe gerem a renda necessária. (NOVAIS; MOURÃO, 2020, p.110)

Percebemos que há uma dificuldade em desvincular a figura da mulher com a de mãe, como trazem Ferreira *et al.* (2013). É por isso que grande parte das mulheres em um contexto esportivo são limitadas a trabalhar com categorias de base e escolinhas para crianças ou com esportes que têm menos prestígio para os homens, como a ginástica rítmica e outras modalidades praticadas exclusivamente por mulheres. De acordo com os mesmos autores:

Essa ascensão parece estar limitada por dois motivos, primeiramente o domínio e a solidariedade masculina nesse espaço – atrelada ao preconceito – não permitem que as mulheres subam de posição. Eles não dão oportunidades para elas, que ficam restritas a base da pirâmide. Segundo, as próprias mulheres se conformam com isso, uma vez que quanto mais elevado o cargo e o nível competitivo, proporcionalmente maiores serão as exigências de tempo e dedicação à vida esportiva. Em contraponto com a vida pessoal e doméstica, elas se acomodam e optam por permanecer com trabalhos de iniciação esportiva.” (FERREIRA *et al.*, 2013, p.13)

Ferreira *et al.* (2013) destacam que as barreiras que as mulheres tem que enfrentar são muitas e que nem sempre elas estão dispostas a enfrenta-las, por isso, poucas se mantem e algumas desistem da carreira.

Kessler (2012) faz uma observação que será importante para esse trabalho, a partir dos anos 2000, na literatura brasileira, houve um aumento de trabalhos a respeito da questão de gênero no esporte, mas o que diz respeito as performances dentro das quadras ou campo, mas esse aumento não ocorreu com trabalhos que diziam a respeito de atuações em direção de clubes.

Ferreira *et al.* (2013) comentam sobre a baixa representação de técnicas esportivas, esse espaço ainda é muito masculinizado, no que se diz respeito esferas administrativas, onde inclui-se os cargos de direção e de tomadas de decisão. Para se inserirem e progredirem na carreira, mulheres encontram muitas dificuldades, desde preconceitos a salários baixos, por esses fatores, leva-se ao questionamento por que existem poucas mulheres atuantes nessa área, o que limita o acesso e a ascensão feminina na carreira de técnica esportiva.

Com relação à participação feminina no futebol brasileiro, Passero *et al.* (2020) realizaram um estudo analisando as súmulas das setes edições do principal campeonato nacional de futebol de mulheres, o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino. As sumulas estavam disponíveis no site da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), foram analisados todos os jogos das edições de 2013 a 2019. A partir do ano de 2017 houve a criação da série A2 desse mesmo campeonato, que também foi incluída na coleta de dados da pesquisa, totalizando 918 jogos com sumulas, cinco jogos não possuíam sumulas e não foram incluídos na pesquisa. Foram coletados os nomes dos profissionais que ocupavam cargos de comissão técnica dos dois times das partidas, sendo: técnico, auxiliar técnico, preparador físico, massagista, treinador de goleiras, fisioterapeuta e médico, a partir dos nomes, os profissionais foram classificados entre mulheres ou homens, para que não houvesse duvidas, eram pesquisados no *Google* e em redes sociais o perfil dos nomes encontrados.

Passero *et al.* (2020) encontraram uma predominância de homens em todas as posições que foram analisadas, sendo que a maior participação de mulheres se dava no cargo de auxiliar técnica, seguido de massagista e treinadora. Alguns números encontrados foram que 83% eram treinadores e 17% eram treinadoras; 78% auxiliares técnicos homens, 22% auxiliares técnicos mulheres, 85% preparadores físicos

homens; 15% preparadoras físicas mulheres; 95% treinadores de goleiras, 5% treinadoras de goleiras; 87% médicos e 13% medicas.

Goellner (2005) visualiza a falta de mulheres nas comissões técnicas dos clubes de futebol feminino, nas áreas das entidades que regem o esporte e no nível administrativo. Com Passero *et al.* (2020) pudemos observar que esse número aumentou, mas ainda não é o ideal. Uma projeção realizada pelos autores assinala uma possível igualdade de gênero entre os líderes no futebol de mulheres entre 2030 a 2040, ou seja, daqui a 10 ou 20 anos.

Novais e Mourão (2020) analisam a baixa representações de técnicas que se vê no Brasil, dizendo não haver um processo de identificação, enquanto quando pensa-se em técnicos masculinos, consegue-se facilmente relaciona-los, algo que não ocorre com as mulheres. Também é constatada a falta de registros oficiais sobre equipes de futebol de mulheres e, por consequência, sobre as treinadoras e suas ações.

Ferreira *et al.* (2013) realizou um trabalho com 13 mulheres que atuavam como técnicas esportivas de diferentes modalidades nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Dentre as falas das participantes, foram encontrados alguns motivos para a baixa representatividade de mulheres no comando esportivo, tendo destaque: dificuldade de ascensão na carreira, falta de mulheres com perfil para o cargo, barreiras enfrentadas pelas técnicas, aceitação feminina.

Falando um pouco sobre essas barreiras, Ferreira *et al.* (2013) relatam que tantas barreiras afastam e inibem a presença feminina:

Para elas, as dificuldades começam a partir a percepção das pessoas que apenas homens têm capacidade para serem técnicos. Elas afirmam que o preconceito se faz presente e que o Brasil ainda é um país muito machista [...] sucessivamente vem a falta de espaço e oportunidades para a inserção e ascensão de mulheres no cargo. O domínio masculino provoca não somente o fechamento desse espaço para as mulheres, como o questionamento da capacidade daqueles que tiveram acesso ao posto. (FERREIRA *et al.*, 2013, p.11)

Acosta e Carpenter (1994) e Passero *et al.* (2020) refletem a partir da rede de contatos que homens tem tendência a contratar outros homens, ou seja, homens na posição de contratante pode elevar a contratação de treinadores homens, criando um ciclo vicioso.

Ferreira *et al.* (2015) trazem outras considerações para a inserção da mulher na carreira esportiva com base em um estudo no qual entrevistou treinadoras de modalidades variadas. Os autores verificaram uma maior facilidade de inserção na carreira para aquelas que já eram atletas da modalidade. Constataram também que, na carreira esportiva, o ato de se tornar treinador representa uma extensão da carreira, objetivando a continuidade no esporte. As entrevistadas expressaram que:

Tendo passado o seu auge em performance de rendimento esportivo, elas se aproximaram de seus técnicos para desempenhar funções de auxílio. Concomitantemente, assumiram o comando de equipes de base no clube que atuavam. Por já estarem inseridas nesse processo e encaminhadas para serem treinadoras, elas iniciaram o curso de Educação Física para legitimar a atuação na área esportiva. (FERREIRA *et al.*, 2015, p.3)

Ferreira *et al.* (2015) ainda apresentam que, quando questionadas como as treinadoras se tornaram técnicas, cinco delas foram conduzidas para assumir o cargo; três receberam convite; duas receberam a oportunidade por falta de profissionais; duas por iniciativa própria; apenas uma passou por um processo seletivo, evidenciando assim, a importante rede de contatos apresentada por Acosta e Carpenter (1994).

Ferreira *et al.* (2015) trazem outra contribuição relativa à questão do ‘saber fazer’ para uma treinadora de futebol masculino, ou seja, saber realizar os fundamentos e saber de tática, não é somente um facilitador, mas também um pré-requisito para se adquirir credibilidade, ainda mais quando se é uma mulher trabalhando com homens.

Novais e Mourão (2020) ao ouvirem nove técnicas especificamente do futebol, acessou achados semelhantes. Dentre as nove técnicas, sete eram ex-atletas de futebol ou de futsal, as outras duas, afirmaram que tinham uma relação muito próxima a outros esportes durante a infância. Elas destacam que somente o desejo de permanecer inserida no esporte não seria suficiente para o início das carreiras, era preciso também apresentar habilidades e características para o desempenho da função, dentre as características, a liderança e o entendimento técnico/tático foram pontos considerados de suma importância. Todas as treinadoras entrevistadas também eram formadas em Educação Física, algumas cursaram cursos de especialização.

Para elas, esse diferencial de ser ex-atleta e realizar o curso de Educação Física constituía a competência para atuação no campo, no que diz respeito a serem capazes de associar a experiência do jogo à formação acadêmica, serem protagonistas e abrir mais portas para inserir mais treinadoras no futebol. (NOVAIS; MOURÃO, 2020). Um fragmento da pesquisa das mesmas autoras merece destaque:

[...] as treinadoras vieram para mostrar que o envolvimento de mulheres nesse cargo de liderança não está atrelado ao sexo, mas sim à competência. Portanto, conquistar o direito à ocupação do cargo de treinadora em função de seus desempenhos no meio do futebol, seja ele de que natureza for, aliado a toda dedicação em se capacitarem, configuram uma potente estratégia de resistência e subversão desenvolvida pelas treinadoras. (NOVAIS; MOURÃO, 2020, p.109)

Para o fechamento desse capítulo pudemos identificar inúmeros obstáculos que as mulheres enfrentam para se tornarem treinadoras. Estes, são muitos, dentre os quais: o questionamento da competência de capacidade de liderança feminina; os conflitos que conjugam vida pessoal e profissional; estereótipos e preconceitos; baixos salários. Diante de todos esses fatores, as mulheres acabam naturalizando a reserva de mercado para os homens, aceitando a exclusão, desistindo do sonho de se tornarem treinadoras, consolidando um ciclo de exclusão e falta de oportunidade. Quando se conquista o acesso ao cargo de treinadora, estas mulheres representam uma minoria simbólica, sofrendo pela falta de poder em atuar e gerar espaço para outras mulheres, por isso, uma parcela não atinge o nível profissional e acaba sendo direcionada para as escolinhas de iniciação esportiva. Já as que alcançam o alto rendimento enfrentam a discriminação e, muitas vezes, são socialmente culpabilizadas por ter dado ênfase na vida profissional e não na vida pessoal, algumas chegam a níveis de estresse tão elevados que decidem abandonar a vida esportiva (FERREIRA *et al.*, 2013).

Novais e Mourão (2020) também contribuem com esse nosso encerramento de capítulo, pois para as autoras, as treinadoras de futebol de mulheres demonstram dispor de estratégias eficazes frente aos inúmeros desafios que a carreira apresenta. Ao conquistarem uma posição dentro das comissões técnicas, mesmo aquelas que são construídas socialmente como “femininas”, elas colocam em discussão suas feminilidades e sexualidades, questionam sua competência e desvalorizam seu trabalho. As treinadoras demonstram a personificação da resistência digna das

mulheres em espaços tradicionalmente reservado aos homens, colocando em questão os discursos de interdição instituídos pela sociedade.

Nesse capítulo foram tratadas as dificuldades e os enfrentamentos com os quais as mulheres se deparam quando decidem ingressar na carreira de treinadoras, sobretudo, de futebol. Em que pesem as várias pesquisas aqui apresentadas, o assunto precisa ser muito mais explorado na literatura brasileira de modo a ganhar mais visibilidade e publicidade.

No próximo capítulo, apresentaremos a trajetória metodológica do estudo por nós realizado.

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

3.1 Características gerais

Para Minayo (1994) toda investigação tem como início uma dúvida, um problema, ou uma pergunta, que deve ser articulada com conhecimentos anteriores e que também pode implicar na criação de um novo referencial. Tendo em vista que o objetivo da nossa pesquisa foi identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol feminino brasileiro, ganham relevo aqui as narrativas e os sentidos que estas mulheres atribuem ao mundo. Daí, nossa conexão com a pesquisa de natureza qualitativa que se baliza por análises compreensivas da realidade, dando vigor ao que percebem e significam aqueles e aquelas que dela participam.

Segundo Minayo (1994) a pesquisa qualitativa:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo de relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22)

Para Stake (2011) o estudo qualitativo possui algumas características especiais, que podem ser resumidas em, o estudo qualitativo é interpretativo, pois fixa-se nos significados das relações humanas dentre diferentes pontos de vista. Este tipo de abordagem também é experiencial, pois é empírico e está direcionado ao campo; é situacional devido ao fato de estar direcionado a atividades e objetos em contextos únicos; é personalíssimo, por que é empático e tenta compreender percepções individuais.

Flick (2009) complementa com outras considerações sobre a pesquisa qualitativa. Para ele, não é dever da pesquisa qualitativa estabelecer um conceito bem definido do que está sendo estudado, como a formulação de hipóteses para serem testadas posteriormente, mas sim, os conceitos devem ser desenvolvidos e refinados

dentro do processo de pesquisa. Para o mesmo autor, os pesquisadores também são uma parte importante da pesquisa, considerando duas frentes, a presença pessoal na condição de pesquisador e o distanciamento a partir da sua capacidade de reflexão.

Dentro do espectro das pesquisas qualitativas, esta nossa investigação se alinha ao estudo descritivo interpretativo, na medida em que, como aponta Stake (citado por ERICKSON, 1986) independentemente de quão descritiva é a pesquisa realizada, o pesquisador sempre colocará uma interpretação pessoal. Stake (2011) traz que a interpretação é uma ação de composição, em outras palavras: “[...] as melhores interpretações serão extensões lógicas de uma simples descrição, mas também incluirão a extensão contemplativa, especulativa e até mesmo estética” (p. 65). Para o mesmo autor, a interpretação é algo que todo pesquisador deve realizar, todas as pessoas fazem interpretações e todas as pesquisas necessitam de interpretações.

3.2 Técnica de coleta

A técnica utilizada para coleta foi a entrevista semiestruturada. Para Flick (2009), uma das metas da entrevista é revelar um conhecimento que já existe para uma pessoa, de uma maneira que possa ser expressado no formato de respostas, tornando então esse conhecimento acessível para ser interpretado.

Para Stake (2011) as entrevistas:

[...] são usadas para vários propósitos. Para um pesquisador qualitativo, talvez os principais sejam: 1. Obter informações singulares ou interpretações sustentadas pela pessoa entrevistada. 2. Coletar uma soma numérica de informações de muitas pessoas. [...]. (STAKE, 2011, p. 108)

De acordo com Creswell (2010), na entrevista qualitativa o pesquisador deve ficar frente a frente com o participante; as questões a serem perguntadas, geralmente, devem ser abertas e não estruturadas, suscitando opiniões e concepções dos participantes. O pesquisador precisa registrar as informações das entrevistas, podendo fazer uso de anotações, gravações em áudio ou em vídeo, sendo recomendado a utilização de mais de um tipo de registro, caso algum material se perca.

Diante do cenário de pandemia de Covid-19, visando a segurança das entrevistadas e da pesquisadora, as entrevistas foram realizadas e gravadas via

Google Meet, sem o contato presencial das partes envolvidas. Todos os arquivos de gravações foram baixados para um dispositivo local, sendo apagados de todos os registros de plataformas virtuais, ambientes compartilhados ou nuvem, para assegurar o sigilo das participantes.

O roteiro de perguntas foi dividido em três subgrupos, sendo eles: identificação pessoal e acadêmica, trajetória profissional, percepções sobre ser treinadora mulher de futebol de mulheres no Brasil.

Questões da entrevista

1. Identificações pessoal e acadêmica;
 - Nome fictício: Qual nome gostaria de ser chamada?
 - Idade: Qual sua idade?
 - Formação acadêmica: Onde se graduou? Em que ano? Tem algum curso, especialização, mestrado ou doutorado? Algun(s) dele(s) relacionado(s) a sua atuação como treinadora de futebol? Quais?
2. Trajetória profissional
 - A quanto tempo atua como treinadora de futebol de mulheres?
 - Como isso começou e por que? Teve alguém que lhe influenciou/inspirou?
 - Em qual(is) clube(s) já atuou?
 - Como foi o seu salário ao longo dessa sua atuação? (Depois disso, pergunte sobre a média aproximada de valor mensal recebido atualmente)
 - Você diria que conseguiu adquirir algum bem material que tinha expectativa de conquistar com o salário desta sua profissão? Se sim, quais? Se não, por que?
 - O que você poderia dizer sobre as condições objetivas de trabalho que enfrenta para atuar como treinadora de futebol de mulheres? O que tem de material, estrutura e condições de trabalho e o que falta?
3. Percepções sobre ser treinadora de futebol de mulheres no Brasil
 - Como é para você ser treinadora de mulheres no futebol brasileiro?
 - Quais os enfrentamentos como mulher nessa função?
 - Como é assumir esse cargo de liderança como treinadora mulher num campo que ainda tem muito monopólio masculino?
 - Como as mídias se relacionam com você e as treinadoras brasileiras que atuam no futebol de mulheres? E você, como se relaciona com as mídias? Em que as mídias colaboram e em que atrapalham?
 - Como são estabelecidas as relações entre as treinadoras mulheres do futebol feminino com as Federações de futebol e a Confederação? O que ajuda e o que atrapalha?
 - Como você vê a participação das treinadoras brasileiras de futebol feminino nas competições de Copa do Mundo, Competições Internacionais, Competições Nacionais e Competições Regionais?
 - Você diria que, como treinadora mulher junto ao futebol feminino, enfrenta ou não dificuldades relacionadas ao fato de ser mulher? Se sim, quais? Se não, por que?
 - Quais são as oportunidades e possibilidades que a carreira de treinadora mulher junto ao futebol feminino lhe dão?
 - Quais suas perspectivas para o futuro da profissão de treinadoras mulheres junto ao futebol feminino brasileiro?
 - O que você diria para uma garota que sonha em ser treinadora de futebol de mulheres no Brasil? Quais caminhos ela deveria trilhar e o que ela deveria fazer? Quais desafios ela irá enfrentar?

- Caso queira comentar algo sobre o assunto e que não tenha sido perguntando, por favor, fique à vontade.

3.3 Participantes do estudo

As participantes do estudo foram cinco mulheres treinadoras de futebol atuantes no futebol feminino brasileiro profissional, mais precisamente das séries A e B do campeonato brasileiro feminino.

O critério de inclusão dos participantes se deu mediante ao aceite do convite que foi realizado através de uma carta formal enviada a elas (APÊNDICE 1), bem como a resposta positiva manifestada no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 2) que foi lido e enviado a elas antes de começar a entrevista. Cada participante pôde escolher seu nome fictício, para aquelas que não o fizeram, nós escolhemos um nome para elas. Todos os nomes de times, de outras treinadoras e pessoas envolvidas no meio do futebol praticado por mulheres, revelados nas entrevistas, foram modificados, sendo que as equipes citadas ganharam nome de cores e, as pessoas, nomes fictícios também criados por nós.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da universidade envolvida sob o parecer número 4.903.813 (ANEXO).

As características das participantes podem ser identificadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Características das participantes

Participante	Idade	Formação Acadêmica	Divisão	Tempo de atuação como treinadora
Camila	31 anos	Graduada em Ciências da Saúde e mestrado em Cinesiologia	Serie B	8 anos
Clara	45 anos	Graduada em Educação Física	Serie B	12 anos
Roberta	30 anos	Graduada em Educação Física	Serie A	3 anos
Jessica	42 anos	Graduada em Educação Física	Serie A	7 anos
Angélica	42 anos	Graduanda em Educação Física	Serie B	1 ano

Fonte: A autora

Esse processo de definição das cinco participantes teve início com a confecção de um quadro com as possíveis participantes da pesquisa que foram levantadas a partir de uma pesquisa realizada nas súmulas de jogos das séries A e B do campeonato brasileiro de futebol feminino disponibilizadas no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Este foi realizado no dia 14 de junho de 2021, tendo sido

analisadas 26 súmulas, sendo oito da série A e 18 da série B. Em tais súmulas identificamos três mulheres que atuavam como treinadoras na série A e 11 na série B, totalizando 14 treinadoras.

Em seguida, fizemos um convite pelas redes sociais, o contato delas foi encontrado procurando por nome e sobrenome, na rede social *Instagram*, ou olhando nas marcações de fotos dos clubes pela mesma rede social, outra forma de contato utilizado foi pelo *Whatsapp* das treinadoras, que foram enviados por pessoas próximas a elas a quem conseguimos o contato. Nove aceitaram participar da pesquisa, porém, apenas cinco efetivamente puderam realizar as entrevistas no período que estava estabelecido para as coletas.

Cumpramos destacar que essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual Paulista com o número de parecer 4.903.813 (ANEXO 1).

3.4 Análise dos dados

Os procedimentos de análise dos dados empreendidos se orientaram pela estrutura apresentada por Gomes (2002), qual seja:

a) Ordenação dos dados: foram feitas a transcrição das gravações, a releitura do material, a organização dos relatos e dos dados da entrevista;

b) Classificação dos dados: com base no que se mostrava articulado com o objetivo da pesquisa, demos início à síntese das narrativas e posterior indicação das categorias de análise em um grande quadro, semelhante ao Quadro 2;

Quadro 2 – Análise de Dados.

Participante	Questão	Resposta	Síntese	Categoria
	A quanto tempo atua como treinadora de futebol de mulheres?			
Camila		Eu trabalho como treinadora desde 2013 de futebol feminino e masculino, mas profissionalmente desde abril de 2021, desde esse ano profissionalmente, já trabalhei em nível universitário, de base e masculino também.	Desde 2013 atua como treinadora, porém, profissionalmente desde 2021	Passado
Angélica	Como as mídias se relacionam com	Hoje, elas estão ajudando mais, do que atrapalhando,	Acredita que as mídias ajudam e	Presente

	você e as treinadoras brasileiras que atuam no futebol de mulheres? E você, como se relaciona com as mídias? Em que as mídias colaboram e em que atrapalham?	eu ainda vejo alguns comentários machistas nas transmissões, aqui o campeonato está sendo transmitido pelo canal na internet e tem aumentado cada vez mais as visualizações e ajudam, mas sempre tem alguém que quer colocar a gente para trás, sempre tem alguém que critica e comigo elas são boas, eu sou... dou sempre entrevista aqui e tal, as meninas também, nesse sentido tá ajudando bastante e ainda mais agora que, antes era o Azul, apesar dele ser um clube referência aqui do estado, não tem tanta visualização, não tem tantos seguidores, e hoje, no Marrom, nesse clube, tem uma visualização bem maior porque é um clube grande aqui do estado, e aí quando tem jogo, triplicou as visualizações dos jogos, está sendo muito bom, as meninas estão gostando muito de fazer parte de um clube mesmo, mesmo elas não sendo profissionais, não sendo consideradas profissionais, mas a gente trata todas elas com profissionalismo e fala sempre isso, para que elas também não desistam	as meninas gostam da visibilidade	
Jessica	Quais suas perspectivas para o futuro da profissão de treinadoras mulheres junto ao futebol feminino brasileiro?	Olha, eu acredito que a cada ano que passa a gente possa ter mais mulheres nos comandos técnicos das equipes de futebol feminino e quem sabe até masculino, por que não? Então meu sonho aí é ver uma treinadora dirigir uma dessas grandes equipes do futebol masculino também, como eu falei, a gente precisa correr atrás para procurar estar sempre se atualizando, no futebol feminino as coisas nunca foram fáceis então, vai ter aquela desconfiança por tu ser mulher, estar no meio masculino, mas eu acho	Mulheres ocupando cada vez mais espaços	Futuro

		que a cada ano a gente vem quebrando algumas barreiras, eu vejo as mulheres hoje muito mais unidas, se ajudando, enquanto que em outros anos a gente não via tudo isso, hoje as mulheres se apoiam muito mais e isso está facilitando também, quando acontece qualquer coisa a outra já fala, já vem junto, a gente tem além de pessoas trabalhando nas comissões técnicas, muitas jornalistas, muitas pessoas no entorno, que tem ajudado também, que sabem das dificuldades e que de alguma maneira já vivenciaram alguma dificuldade e eu acho que isso é o fundamental, nós nos ajudarmos e conseguir cada vez mais conquistar nosso espaço independente da área que a gente escolher		
--	--	---	--	--

Fonte: A autora

Sobre a análise de dados, Bogdan e Biklen (1991) dizem que:

À medida que vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem e acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases são categorias de codificação. As categorias constituem um meio de classificar os dados descritivos que recolheu, de forma que o material contido num determinado tópico possa ser fisicamente apartado dos outros dados. (BOGDAN; BIKLEN, 1991, p. 221)

c) Análise final: no interior de cada categoria de análise estabelecemos as articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, tendo como base o objetivo do estudo.

A partir disso, foram criadas três categorias de análise, sendo elas:

1. Passado;
2. Presente;
3. Futuro.

No próximo capítulo, serão apresentados os aprofundamentos de cada uma destas categorias.

CAPÍTULO 4

AS TRAJETÓRIAS DAS TREINADORAS DE FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL

“[...] no primeiro dia, que você chega lá e você vê todas as atletas olhando para você de lado, sem lhe conhecer, e aquele homem ali que já tem muito mais experiência que você, por que se você está começando, você não tá com experiência [...]. Então, que não desista, que vá em busca dos seus sonhos e mesmo que ali na frente ou atrás tenham homens que querem ou que não querem que você esteja lá, você vai estar lá de qualquer jeito, porque é ali que é o nosso lugar”. (ANGÉLICA)

Ao falarmos de trajetória, mesmo sem considerá-la como algo linear, sempre em ascendência ou em descendência, estamos envolvendo a questão do tempo ou, mais precisamente, dos diversos tempos que nos constituem. Tais tempos não são definitivos e nem se estabelecem de modo refratário na nossa formação humana, ao contrário, são vividos, lidos, relidos e ressignificados em cada momento de nossa história. Apesar disso, ganhou destaque entre as treinadoras entrevistadas uma narrativa, quase involuntária, de pensar a carreira de treinadora a partir das referências passado, presente e futuro, por isso fizemos a opção por organizar nossas análises desta forma.

4.1 Passado

Esta categoria enfoca a trajetória inicial das mulheres para as carreiras de treinadora de futebol de mulheres no Brasil. A partir das falas das entrevistadas, foi possível encontrar pontos em comum como, por exemplo, o começo de suas caminhadas, uma vez que todas elas foram ex-atletas de futebol. Dois excertos elucidam essa influência.

Então, como a gente já vinha da parte técnica, já somos atletas de futebol e futsal, eu joguei um campeonato de futebol brasileiro em 96 [...] eu tive uma lesão de ligamento cruzado anterior, muito cedo, e a gente não conseguiu recuperar e a gente já era profissional de educação física também, começou a carreira estudando muito cedo também, aos 17, então, foi meio que meu caminho, eu já comecei a dar treino pros meninos do futsal, virei treinadora de futsal muito cedo, nas

categorias de base masculino e aí, mais um pouquinho a frente, ainda jogando futsal, ainda sendo destaque no futsal, a gente também começou na carreira de treinadora no futsal com as meninas, fui treinadora da seleção estadual, dos clubes campeões que tenho mais de 10 títulos só no futsal [...]. (CLARA)

Eu sempre falo que a partir do momento que eu escolhi o futebol lá com 7 anos de idade e fui atleta e tudo mais, eu já sabia onde eu queria chegar, e desde de atleta eu sempre falava que eu ia realizar algumas coisas e uma delas foi quando eu entrei para a faculdade com 18 anos, eu falava que ia ser treinadora de futsal, que na época era o que eu vivenciava mais, mas aos poucos as coisas foram se desenhando para o futebol e também tive a oportunidade como atleta de atuar no futebol e dentro disso eu conheci alguns caminhos tive bons treinadores e essa questão de analisar bons trabalhos me trouxe também o gosto pela profissão e isso foi acontecendo naturalmente. (ROBERTA)

Tais dados se alinham aos achados de Ferreira et al. (2015) que, em pesquisa realizada com treinadoras esportivas no território brasileiro, identificou que: “[...] entre as participantes do estudo uma predominância de mulheres [...] que tiveram uma trajetória esportiva como atletas e que possuem experiência na área de atuação” (FERREIRA et al, 2015, p.2).

Outra questão destacada por Ferreira et al, (2015) era de que, por terem sido atletas, já tinham passado pelo auge da carreira, viam uma possibilidade de continuidade no esporte ao desempenharem funções de auxiliares ou mesmo treinadoras. No caso das nossas entrevistadas, o fato de já estarem inseridas no meio, terem cursado ou estarem cursando Educação Física para legitimar a atuação na área esportiva, tudo isso as encorajava na construção dessas carreiras. Foi nesta direção o depoimento de Angélica:

Então, eu fui atleta durante... desde a minha adolescência, mas não de grandes clubes, aqui mesmo pelo estado e aí agora a uns 5 anos atrás eu resolvi fazer o ENEM e passei aí em Educação Física e aí lá na faculdade, como eu já tinha essa experiência dentro do futebol feminino, por ter sido atleta, e aí foi quando eu comecei a participar dos projetos e aí enfim surgiu a oportunidade de ser treinadora de uma equipe aqui do meu estado [...], e aí quando surgiu a ideia de crescer o projeto trazendo mais apoio porque aqui no estado não tem campo para as meninas treinarem, então a universidade resolveu abrir o espaço lá, a estrutura é muito boa, para os clubes aqui do estado e aí foi quando o coordenador do meu curso me indicou para um dos clubes que estariam participando do campeonato brasileiro da série B deste ano que é o Azul, que é o atual campeão estadual, por 10 anos consecutivos, estava sem treinador, sem lugar para treinar e aí com essa parceria eu fui indicada para ser a treinadora e estou até hoje, desde janeiro.

Novais e Mourão (2020) também identificaram esse campo de interesse das ex-jogadoras de futebol. Segundo as autoras, a combinação ex-atleta mais a formação dava a elas um diferencial, tornando-as capazes de associar a experiência do jogo com a formação acadêmica.

Porém, para duas das nossas entrevistadas, mesmo inseridas dentro do universo do futebol praticado por mulheres, a carreira de treinadora não estava em seus planos principais e nem era uma ideia fixa delas.

Não teve ninguém que me inspirou na verdade, não era algo que eu queria fazer, não era algo que eu tinha como ambição [...] eu queria trabalhar como nutricionista, porém, eu tive um problema que todos os atletas tem, eu não tinha experiência em nada além de jogar futebol, e quando a gente forma, a gente se pergunta se a gente pode trabalhar sendo que a maioria das pessoas que passam na nossa graduação tem oportunidades de estágios em vários lugares mas um atleta não consegue estágio por que está viajando constantemente [...] eu tive a oportunidade de trabalhar num *soccer camp*, que eu gostei de trabalhar com crianças, aí me chamaram para trabalhar nesse time de base em um centro de treinamento, tipo uma escolinha assim, sabe?! Foi assim que eu comecei. (CAMILA)

O depoimento de Jéssica foi nesta mesma direção: “[...] olha, as coisas aconteceram muito naturalmente, eu nunca quando eu jogava eu pensava: Não, quando eu parar eu vou ser treinadora, é isso que eu quero fazer”.

Camila justifica seu posicionamento de não ter tido vontade de ser treinadora por conta de uma suposta desvalorização que via nesta área de atuação, uma vez que as pessoas que conviviam com ela e atuavam como tal tinham outras profissões e o papel de treinadores que desempenhavam era quase que um “bico” para complementar a renda.

Tenho pra mim... eu acho que eu não almejava isso porque eu não via como uma profissão assim, acho que a maioria das pessoas na minha geração, a maioria dos treinadores, eles não eram treinadores integralmente, eles eram professores de educação física que eram treinadores, professores de matemática que eram treinadores, então nunca era uma profissão que fazia deles o ganha pão entre aspas e também não eram pessoas que eu olhava e fala “meu sonho é ser que nem essa pessoa” assim, eram pessoas muito boas mas não tinha aquela idolatria [...]. A partir do momento que eu fui exposta a outra cultura eu comecei a ver “ah não, dá pra trabalhar com esse esporte” e eu não sabia se eu conseguiria trabalhar em aspectos profissionais. (CAMILA)

Uma característica que se mostrou heterogênea entre as treinadoras entrevistadas foi o tempo de atuação como treinadora profissional no futebol praticado por mulheres no Brasil. Identificamos aquelas que iniciaram na década de 2010, enquanto outras, no ano de 2021, tinham acabado de começar a atuar na carreira: “[...] nem eu me lembro mais, acho que na realidade, no futebol, a primeira equipe foi em 2009, oficialmente, com o Amarelo estreando em uma copa do brasil, [...] 12 anos” (CLARA). “Eu trabalho como treinadora desde 2013 de futebol feminino e masculino, mas, profissionalmente, desde abril de 2021, desde esse ano profissionalmente” (CAMILA).

Com estes momentos distintos de atuação profissional como treinadoras junto ao futebol de mulheres, foram encontrados diferentes cenários de enfrentamento que conduziram estas mulheres a essa carreira.

Eu comecei nesse cargo em 2014 [...] mais de 24 anos, 16 anos jogando, 24 anos no total, somando a carreira de treinadora com a de atleta, joguei muito tempo e aí joguei fora do estado por que aqui no estado o futebol feminino ficou meio deixado de lado na década de 1990 ali e aí fui pra outro estado e aí quando tive problemas no joelho, tive que fazer duas cirurgias, aí eu resolvi voltar pro meu estado e resolvi fazer alguma coisa para movimentar o futebol feminino daqui, aí a gente montou uma equipe para participar do campeonato do estado, que ainda tinha poucas equipes, ele era feito pela associação estadual, não era nem pela federação, era apenas chancelado pela federação e ali que começou tudo. Eu fui responsável pelo projeto, treinadora e aí, logo depois, a gente participou da competição do campeonato estadual, fomos campeãs [...]. Desde o início, 2014 quando eu resolvi ser treinadora, eu tinha muita dificuldade, a gente mal tinha um campo para conseguir treinar, era campo, às vezes, de futebol sete, de futebol society, que tú fazia os trabalhos lá. Nós treinamos duas vezes na semana para jogar um campeonato que era todo final de semana. As meninas, na maioria, trabalhavam e jogavam, então, era difícil a gente conciliar assim os horários. (JESSICA)

O relato de Jéssica vai ao encontro do que aponta Souza Junior (2013) ao destacar as precárias condições de trabalho das jogadoras e a falta de estrutura dos espaços, pouco ou quase nada de suporte, etc. O que podemos perceber é que o autor citado fazia referência à década de 1990 e ao início dos anos 2000, entretanto, podemos notar que a precariedade ainda foi vivenciada pela depoente em meados de 2015, dando continuidade a uma situação de descaso e pouca oportunidade para o futebol das mulheres.

Ainda sobre a precarização da modalidade vivenciada pelas treinadoras no passado, as entrevistadas também deram bastante relevo à questão das inadequadas condições dos materiais e uniformes que tinham disponíveis para jogar.

[...] eu vou comparar assim rápido, quando jogava, a gente jogava com o resto dos homens, coletes que eles não usavam, roupa, calção que eles não usavam, camisas grandes, e hoje não, material exclusivo para o feminino e isso já, é pouco, mas para o que tinha a 30, 40 anos atrás, já evoluiu bastante. (ANGÉLICA)

Entremeio a tantos desafios, toda a luta vivenciada pelas atletas do futebol para mulheres no passado para que a modalidade pudesse estar no patamar que está hoje envolve um reconhecimento de um esforço que foi também por elas realizado.

[...] a geração das meninas antigas que a gente tinha, cada uma dessas meninas estão aqui agora dessa forma, recebendo sua ajuda de custo, tudo direitinho, as meninas com os uniformes, tudo, toda organização que tem hoje, mas alguém ralou e foram vocês que abriram [...] a gente passa na vida para fazer história, passa uma vida para dar um pouco da gente, as pessoas e a gente fica feliz com isso, nem tudo é o dinheiro, o dinheiro não compra tudo não, compra um bocado de coisas, mas não compra tudo não. (CLARA)

Com relação à questão financeira, a melhoria salarial dentro da modalidade foi apontada por duas entrevistadas. Uma delas, por possuir experiência em um país no exterior, relatou as diferenças culturais desse esporte do país onde atuava com o Brasil e como tais diferenças se refletiam nos salários que eram recebidos por homens e mulheres dentro da modalidade, destacando uma desvalorização ou subvalorização do salário das mulheres muito mais acentuada no Brasil, mesmo não atuando como treinadora.

Eu recebia bem por que lá nos Estados Unidos você recebe bem como treinadora sim, além das oportunidades de treino individual, de *personal*, que aqui não tem tanto, do meu primeiro ano trabalhando legalmente, que foi em 2013, pro meu segundo ano trabalhando legalmente que foi em 2016, esse salário, eu me tornei diretora do clube, de forma legal, [...] eu recebia bem assim, dava quase por volta de 3 mil dólares na época, o que nos EUA isso não é muito, que um diretor recebe mais ou menos, hoje em dia eu não sei, se eu recebesse uma proposta.... ano passado eu recebi outra proposta pra voltar a ser diretora e eu iria receber 5 (mil dólares) e no Norte do país você recebe ainda mais, por volta de 5 a 7 (mil dólares) por que é muito trabalho [...] porque nos EUA em relação a base, escolinha, você ganha... universitário que eu tive a oportunidade de fazer também, se ganha muito dinheiro, você tem... trabalha muito, mas você também

financeiramente tem muito retorno [...] Como auxiliar técnica, pelo Vermelho eu recebia não muito, mas também não era, não diria que era pouco, recebia acho que 2 mil, o que é pouco quando você compara com o masculino, o que é pouco quando você compara com os times melhores da primeira divisão [...]. (CAMILA)

Kessler (2020) traça alguns paralelos a respeito do futebol praticado por mulheres nos Estados Unidos e no Brasil, apesar de ter enfoque apenas nas jogadoras, ficam explícitas as diferenças estruturais e culturais entre os dois países. A autora traz que as futebolistas eram tratadas socialmente com muito respeito e quando conseguiam alcançar um *status* de atleta bem qualificada, podia conquistar uma melhora de posição social invejável, sendo valorizadas e admiradas pelas pessoas de seu país. Já as jogadoras brasileiras, são vistas como pouco femininas e arruaceiras, pela população nacional, por conta das muitas reclamações que seguem fazendo sobre as condições muito desiguais delas comparadas às dos homens.

Todavia, Jéssica manifestou reconhecimento sobre a evolução financeira no futebol praticado por mulheres no Brasil.

Bom, no início, no primeiro clube aí que eu citei que a gente até disputou uma copa do brasil foi um projeto, eu tinha escolinha de futebol, eu dava aula em escolinha então foi muito na parceria de querer movimentar, de querer resgatar algumas jogadoras que já tinham parado de jogar e foi muito assim, a gente conseguiu alguns patrocínios e eu não recebia nada [...] já no Mostarda a gente tinha um projeto com a prefeitura então eu dava aula nos projetos sociais da prefeitura, recebia por isso e ainda treinava a equipe feminina, claro, sempre valores de contrato assim, nada assim exorbitante, valores normais, como se tivesse trabalhando em alguma outra área e aí depois em 2017 não tinha contrato ainda, como treinadora, mesmo sendo uma parceria da associação com o Prata, fui ter meu primeiro contrato em 2018, com o Verde, era carteira assinada, foi a primeira vez que eles assinaram a carteira da comissão técnica toda e quando eu retornei para o Prata em 2019 também o clube já tinha assinado a carteira de toda a comissão técnica e das atletas também, então foi muito assim, da mesma maneira como o futebol vem evoluindo [...] em 2018 já com as carteiras assinadas e com a profissionalização ali das atletas e do pessoal da comissão técnica que a gente conseguiu ter uma melhor estrutura, mas o que eu falo assim é que o futebol ele envolve muitas pessoas me numa comissão técnica e no início ali a gente tinha poucas pessoas, era eu, uma pessoa que me auxiliava ali dentro de campo e uma treinadora de goleiras, eram nos três com os dirigentes e a gente fazia acontecer todo o processo. (JÉSSICA)

Podemos observar que parece ter havido uma melhoria salarial nesta trajetória, recentemente vivida pelas depoentes, na carreira de treinadora, uma vez que estas transitaram ou acompanharam um espectro que foi do não receber nada para um outro

de ter a carteira assinada. De acordo com as entrevistadas, essa mudança começou a ser percebida nos últimos cinco anos, ou seja, de 2014 em diante. O que nos alerta para o fato de reconhecer quão recente ainda é a configuração desse cenário.

O enfrentamento acerca dos baixos salários, igualmente foi denunciado na pesquisa de Ferreira et al (2013), constituindo-se como um obstáculo superado por poucas, o que nos ajuda a visualizar tal questão como um dos desafios enfrentados e que revela uma quantidade ainda tão pequena de mulheres atuando profissionalmente nessa carreira.

4.2 Presente

Nesta categoria, foi dado relevo aos desafios, enfrentamentos e conquistas vivenciadas pelas treinadoras. Ao fazermos um paralelo com o tempo passado, aqui as entrevistadas deram um panorama que buscou elucidar o que chamamos de momento presente, considerando a época da realização deste estudo, ano de 2021.

Inicialmente, os salários que recebiam e como percebiam esta questão financeira ganharam destaques nos depoimentos.

[...] aqui no Laranja eu recebo mais ou menos 2.500 (reais) mais 1.200 (reais) de auxílio moradia, mais vale alimentação e todos os benefícios, que é carteira assinada, mais mesmo assim, comparado com outros times mais organizados, ainda é pouco, mas comparado com alguns times, é muito [...] O meu acordo com o Laranja foi... eu não ia discutir salário, eu discuti alguns benefícios, mas eu não mudei o valor do salário, eu discuti benefícios, mas porque eu entendia que eu não tinha experiência como treinadora. (CAMILA)

Eu acredito que não tenho problema em falar sobre isso (salário), eu sempre tive a situação da equipe vinculada a uma situação da prefeitura, então hoje eu sou concursada na prefeitura na secretaria de esporte e em alguns momentos eles me liberaram para os treinamentos da equipe, então eu contava esse salário separado, mas pelo clube em média de 1.500 a 3.000 reais (ROBERTA)

[...] até o momento, nenhum dos clubes eles têm remuneração [...] eu, hoje, por ser apaixonada pelo futebol feminino, todo mundo me pergunta 'o que eu você está fazendo ali trabalhando de graça'. Não ganho nada para estar ali, eu creio, e ainda sonho, que a gente vai conseguir mudar essa realidade. Se for levar para o lado financeiro, se for levar, é triste, porque como eu falei, eu vou pra lá quase todos os dias, a bolsa (da universidade) não é esse valor que compensa, essas minhas idas à universidade para trabalhar, mas eu penso que tudo isso vai mudar que, se eu pensar em desistir, não têm condições do futebol feminino aqui no meu estado evoluir (ANGELICA)

Ainda que estes depoimentos revelem situações ou percepções diversas no seu interior, podemos visualizar não se tratar de um aporte financeiro que pudesse ser considerado “adequado” para os custos de vida e uma boa qualidade de vida no Brasil. Entretanto, dentro de um cenário de tanta luta e sofrimento, parecer haver um reconhecimento ou uma conquista, sobretudo, quando se identifica neste campo situações com a de Angélica, que nada recebe. Para esta última, o que ela faz estaria associado a uma ideia de “pavimentar a estrada” para as outras que virão no futuro, uma trilha em construção, por isso, vale, em sua perspectiva, todo seu esforço.

A remuneração não adequada dessas mulheres, as levam a terem outras profissões para a obtenção de outras fontes de renda. Das cinco treinadoras entrevistadas, apenas uma delas não tinha outra fonte de renda, como pode ser visto nas narrativas a seguir.

Eu trabalho como personal ainda, ano passado e esse ano na verdade, a pandemia trouxe um *business* pra mim que eu não fazia antes [...] quando veio a pandemia, que ficou todo mundo em isolamento social eu ofereci a todas as pessoas que eram clientes, esse treinamento online virtual e bombou, no começo bombou, então eu recebia, duas ou três vezes disso do que eu recebia no Vermelho durante a pandemia, por que durante a pandemia eles não conseguiam pagar de forma integral ,então pra mim, minha fonte de renda era de personal, hoje em dia, esse número diminuiu [...] (Sobre a profissão de personal) não foquei tanto, por que meu foco principal é o Laranja, mas eu ainda tenho essa outra fonte, que pra mim, se eu não tivesse, eu não ia conseguir (CAMILA)

Tudo baseado em salário mínimo, e for falar só de treinadora, por isso que a gente tem que fazer outras coisas, hoje em dia dois salários... por isso que a gente não tem foco só no futebol feminino, a gente se dedica totalmente ao futebol feminino, 40 (porcento) digamos, mas aí a gente tem que fazer outras coisas pra complementar as rendas, outros trabalhos [...] Seja treinadora no futsal, seja no treinadora com os times masculinos, que aí por incrível que pareça com as crianças também tem uma certa... vamos dizer... condição de se manter, porque aí tem os *pai-trocinios*, também estão lá, os pais que bancam os clubes e aquela história toda [...] eu elaboro projetos, faço projetos de lei do incentivo, e vira nos 30 (CLARA)

Eu precisei de outro trabalho na secretaria de esportes aqui, minha maior renda era na secretaria de esportes e eu nunca deixei isso de lado em função da questão financeira mesmo e eu não consegui até hoje me manter só com o futebol (ROBERTA)

Sim, eu tenho um emprego, eu tenho meu trabalho, trabalho durante o dia das 7h às 14h e os treinos são as 15h, das 15h até 17h30, então aí eu tenho o meu emprego mas a tarde eu vou para os treinos (ANGELICA)

Desde de 2018 quando eu tive o meu primeiro contrato, com o Verde, profissional, eu não tive nenhum outro trabalho paralelo, sempre fui exclusivamente, meu trabalho foi sempre aquele para o clube, até por

que o clube não permite que você trabalhe, quanto tu assina um contrato ele não permite que tu tenha outra renda em outro lugar, antes disso sim, eu sempre tive escolinhas, era professora de escolinha de crianças, tanto de menina quanto menino e isso que me sustentava". (JESSICA)

Novais e Mourão (2020) denunciam que o futebol de mulheres no Brasil não desfruta de investimentos adequados, tanto por parte de patrocinadores quanto por parte de leis de incentivo, o que também reflete em uma baixa remuneração a elas, mesmo estas tendo formação adequada. Alinhado às narrativas das nossas entrevistadas, o estudo de Novais e Mourão (2020) constatou que estes baixos salários pela atuação como treinadoras quase que obriga as mulheres a trabalhar em mais de um emprego para sua sobrevivência, acentuando o estado de esgotamento.

Com pressupostos semelhantes aos de Angélica, para Clara, mesmo diante do reconhecimento da situação de precarização salarial, a paixão e o sonho em ver o futebol de mulheres mais desenvolvido no Brasil falavam mais alto, consolidando novamente a ideia de "pavimentar a estrada" para as outras que virão.

Olha, hoje, de forma financeira, ainda não tenho nada, nem tenho previsão, até então, mas tem me proporcionado sim uma experiência fabulosa e é tanto que mesmo eu sem ser remunerada, como deveria ser, porque eu não acho justo, eu vou por que sou uma pessoa apaixonada pelo futebol feminino, mas eu acho que a remuneração ela deveria ser e bem feita mesmo, de acordo com o que a gente merece, como trabalho que a gente faz e é isso (ANGELICA)

[...] como é que você vai se sentir motivada a profissão se alguém chega e te diz assim 'tu vai estudar, tu vai estudar muito, tu vai pra lá, vai gastar' [...] como é que eu vou dizer para a pessoa 'investe nisso' tu vai rodar, rodar, quando o clube te aceitar, o clube vai te demitir em 3 meses se tu não der resultado, que estímulo hein, que belo estímulo, tu vai ganhar 2 salários mínimos [...] isso é missão, é missão, eu fui atleta, eu queria espaço para jogar e via... eu sofri muito e minha missão era fazer com que as meninas sofressem menos, não sei se você entende, então eu tomei isso como missão para mim, proporcionar a elas o que eu não tive [...] (CLARA)

Outro ponto relacionado à questão financeira na profissão de treinadoras de futebol revelou as conquistas materiais obtidas ao longo de suas carreiras, tendo sido destacados como principais bens carro e casa/apartamento.

[...] é claro que a gente procura sempre estar guardando alguma coisa, para poder investir, ter uma segurança, eu hoje eu tenho um carro, tenho uma casa financiada, tudo que eu conquistei não só como treinadora, mas na minha carreira de atleta também que eu consegui ir

juntando um pouquinho, a gente sabe a dificuldade que a gente passa, mas com certeza, se tu fizer uma boa administração tu consegue ir aos pouquinhos ir conquistando algumas coisas (JESSICA)

Eu tive que juntar esses salários, eu tenho meu carro, tenho meu apartamento, não sei até que ponto o de treinadora ou outros dois salários (CLARA)

Ainda assim, as treinadoras reconheceram que, embora hoje tenham estes bens, essas conquistas não se efetivaram somente por meio da atuação como treinadoras, mas envolveram, para algumas, desde o tempo em que eram jogadoras, assim como, para outras, a junção financeira também de outras atuações profissionais que exerciam.

As entrevistadas reconheceram que há uma grande diferença salarial, para menos, para as mulheres quando comparada aos homens no futebol. Todavia, igualmente se mostrou uma certa aceitação para este cenário, sobretudo, considerando a questão da experiência de atuação dos treinadores, bem como, a publicidade dos jogadores associadas à venda de várias marcas e produtos. Embora reconheçamos que vivemos em uma sociedade que “em tese” valoriza a experiência e é capitalista, as justificativas das treinadoras aqui apresentadas parecem colocar o foco de tudo isso “embaixo do tapete”, ou seja, elas escapam de um debate de relação de poder que se orienta pelo modelo econômico capitalista do homem branco.

Você tem essa discrepância assim, por exemplo, se eu comparar com o que o treinador do Castanho que é o nosso rival que estava na mesma divisão, talvez, era metade ou um terço do que ele recebe. Mas também é um treinador com alguma experiência, mais que eu tenho (CAMILA)

[...] o futebol feminino tem crescido bastante e a gente sempre espera que os valores... eu sempre procuro falar que às vezes a gente ouve as pessoas comparando ‘mas as mulheres têm que ganhar igual aos homens aquela valorização, como os homens ganham muito mais que as mulheres.’ eu não procuro... o futebol feminino, ele, dos últimos 3 anos para cá ele deu um salto gigantesco assim, de visibilidade, de aceitação dos clubes, cada vez mais, claro que com a obrigatoriedade imposta, mas mesmo assim, os clubes eles estão investindo, investindo pesado e a gente espera que isso continue, cada vez evolua mais e que a gente dentro dos projetos possa ser valorizada, então, acredito que a gente não possa querer uma igualdade em valores porque a gente sabe quanto o futebol masculino ele vende produtos e, valores... hoje a gente vê jogadores ganhando um milhão, 800 mil, fora daqui ainda é mais né, mas por que eles vendendo, por que as marcas que patrocinam o futebol masculino tem o retorno, é claro que a gente tá em passos mais lentos, mas se encaminhando para cada vez conquistar mais coisas dentro do futebol feminino também (JESSICA)

Uma das treinadoras destacou a obrigação da implantação do futebol praticado por mulheres exigido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e promovido pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) como pode ser destacado neste trecho: “[...] dos últimos 3 anos para cá ele deu um salto gigantesco assim, de visibilidade, de aceitação dos clubes, cada vez mais, claro que com a obrigatoriedade imposta [...]” (JESSICA) sobre isso, De Souza *et al.* (2021) trazem um contexto para essa ação, ao apontarem que, visando dar visibilidade e integrar o futebol de mulheres, a entidade aprovou um regulamento em que os clubes, teriam, até o ano de 2019, que desenvolver em seus quadros a modalidade de futebol de mulheres na categoria adulta. Aqueles clubes que assim não o fizessem, poderiam sofrer punições futuras. Vale ressaltar que essa obrigação era válida apenas para os clubes da série A do campeonato brasileiro, da Libertadores da América e da Copa Sul-Americana (DE SOUZA *et al.*, 2021). Esses eventos são recentes, pois como apontam Barreira *et al.* (2020) tiveram início apenas no ano de 2016, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) reconheceu a importância de desenvolver o futebol praticado por mulheres no continente, mostrando, mais uma vez, um investimento em infraestrutura e desenvolvimento da modalidade realizado de forma tardia.

Sobre a estrutura material e física disponível para o desenvolvimento do trabalho das treinadoras, o cenário encontrado se mostrou controverso. Foi possível perceber que havia uma estrutura bem básica no depoimento de duas entrevistadas, enquanto outras três manifestaram a existência de uma ótima estrutura.

[...] a gente treina no Bordo, que é um lugar maravilhoso, assim, parece um parque. O campo não é bom, mas também não é o pior, acho que você sempre vai ouvir isso do feminino, por que eu acho que a gente sempre passou pelo pior, então a gente sabe que poderia ser pior, mas isso também é uma das maiores brigas que a gente tem por que o gramado é ruim, o tamanho do campo é ruim, mas a gente começou a ter mais acesso no centro de treinamento do Laranja [...] eu acho que a gente tem o básico, são bolas, pratinhos, estacas, coletes, isso não falta, mas obviamente a gente sabe que tem outras formas de tipo... algumas faixas, mas tudo isso a gente já pediu para o clube, vem com alguma demora, as vezes passa pelas categorias [...]. (CAMILA)

[...] em termos de material eu não tinha tudo o que eu precisava mas também não era dos piores, a gente tinha bola, tinha as fitas que a gente usava para marcar o campo, tinha cone, tinha estaca mas não tinha outros materiais alternativos também na questão de preparação física, de GPS, de boneco para tu fazer uma barreira, essas situações aí que a gente precisa no dia a dia e que fazem bastante a diferença [...]. (ROBERTA)

Então, estrutura, material, tudo, exclusivo para as meninas [...] então com relação a materiais, esporte, tudo lá é exclusivo para as meninas, é tudo de boa qualidade, campo, vestiário, bolas, tudo, nas duas equipes [...] hoje, 4 equipes do futebol feminino aqui do estado utilizam toda a estrutura da universidade para treinos, meninas que treinavam naquele, aqui chama de torrão, que é aquele campo só de barro que é só de área e hoje elas têm um local adequado para treinar [...] um vestiário para você poder trocar de roupa, um material, colete, que é uma coisa tão simples que é uma coisa que poucos times têm, um simples colete, então, é... tem muito ainda... um pensamento e uma perspectiva positiva que essa realidade vai sim mudar. (ANGÉLICA)

Então, nossa estrutura é boa, nossa estrutura acho que é uma das melhores do país, isso é inegável, nos tempos bons campos de futebol, nós temos academia [...]. (CLARA)

[...] hoje em dia em posso dizer que eu tenho uma excelente estrutura para trabalho, minha comissão técnica tem 10 pessoas para me ajudar [...] acredito que desde o ano passado que eu consegui focar mais na minha função porque eu sempre ajudava em outras funções dentro do clube [...] a gente tem uma estrutura lá só para trabalhar com o futebol feminino, a gente tem um estádio ali à nossa disposição, a gente tem alojamento, a gente tem um refeitório, a gente tem uma academia, a gente tem a área médica então, é uma estrutura assim, claro que a gente pode sempre tá melhorando e a gente busca isso no dia a dia, estar sempre buscando coisas melhores para a gente conseguir assim produzir mais. (JESSICA)

Cabe destacar a mesma frase que apareceu em duas falas distintas: “[...] não é o melhor, mas não é o pior” declarando a diversidade que se pode encontrar dentro do futebol praticado por mulheres no contexto brasileiro. Neste sentido, embora nossas entrevistadas demarquem uma situação de infraestrutura material e de espaço física de ótima qualidade, temos que considerar se tratar de uma pequena representação analisada nesta nossa pesquisa.

Seguindo com foco nos investimentos, outra condição trazida pelas depoentes foi a incorporação de novos profissionais de outros setores dos clubes no futebol de mulheres.

[...] lá tem o refeitório que é muito bom, eu tenho o vale alimentação então eu almoço lá e dá perfeito assim, em relação a alimentação, eles providenciam lanche depois do treino, a gente tem um roupeiro que faz tudo, que sempre providencia tudo em relação a água, isotônico, proteína *whey protein*, creatina, o cara tá entregando a água na minha mão no meio do treino, então assim é um clube muito bom de trabalhar em relação a esse aspecto [...] uma das coisas que a gente não tinha, que está tendo agora, começando a ter, é departamento de análise, a gente não tinha durante o brasileiro, que fez muita diferença [...] essa semana, chegou nosso analista de desempenho e daqui uma semana talvez chegue a câmera, então assim, as coisas estão começando a se estruturar. (CAMILA)

O clube ele nos incluiu e inseriu o futebol feminino dentro do departamento de futebol e isso é uma coisa importante, é claro, tudo que se faz para as categorias de base do clube hoje também é destinada para o futebol feminino e isso é muito legal, e os investimentos a cada ano eles vão melhorando, então isso nos dá uma boa condição de trabalho. (JESSICA)

[...] elas precisam realmente de pessoas qualificadas para estar ali ajudando, é muito importante ter na equipe uma psicóloga, um psicólogo para ajudar as meninas que estão aqui no Azul e que são de outro estado, muitas ficaram no alojamento, longe da família o ano todo e, às vezes, isso interfere no resultado, no jogo, interfere no desempenho delas, mas eu estou aqui e supero tudo isso, eu não desisto, eu digo sempre a elas, se vocês pensam que eu vou desistir, eu não vou desistir. (ANGELICA)

Mesmo com os investimentos crescendo e o reconhecimento de que isso faz a diferença no futebol de mulheres, notamos ainda contextos de enfrentamentos, ou seja, sem a captação de patrocínios e com o baixo orçamento para a organização do elenco.

[...] eu tenho que captar patrocínio com as empresas agora, no período de novembro e dezembro porque é o planejamento estratégico delas, antigamente eu não sabia, eu vim a saber no final de novembro e dezembro por que eu ia apresentar a empresa a grande marca nacional. Ia apresentar o projeto como? Eu não sei quem são as mídias, eu não sei quem vai... não sei nada, não sei período, não sei se eu vou jogar, então, é muito difícil essa relação aí, então, essa organização, esse planejamento tem que vir das federações, confederação, clubes, a gente tem que ter a informação para botar no nosso projeto de patrocínios, e isso é uma das principais dificuldades que nos tempos, que é, organizar [...] eu só posso captar de empresas mais próximas, empresas que tenham outra visão porque, como eu vou captar pra agora o que é pra novembro? É complicadíssimo, minha situação é horrível, e aqui o poder público esquece todas as mulheres, acha que só tem macho nessa cidade aqui, então, é assim, somos uma das vozes que fala, que reclama, que é batida por causa disso, [...] então, quando a gente abre a boca para falar de patrocínio, temos de dizer que é apoio, eu acabo dizendo, não, não é um patrocínio, é apoio, porque é muito pouco [...]. Nós temos dificuldade, às vezes, nos patrocínios, então a gente não tem continuidade no trabalho, que é o que nos mata, tipo, nós terminamos um campeonato nacional, eu tenho que desmanchar o grupo, para quando estiver próximo da próxima competição começar tudo de novo, é montar, nós não temos alojamento dentro do clube, temos casa atleta, que, diferente do masculino, que tem o hotelzinho dentro do clube, tudo diferenciado, ainda nós não temos, e os patrocínios... agora isso não é culpa só do clube essa questão de patrocínio [...]. (CLARA)

[...] em termos de estrutura, para as atletas a gente até tinha moradia, tudo certinho no alojamento, mas questão salarial o investimento ele era muito baixo [...] a gente não tinha um orçamento para isso e a gente não conseguiu fazer o trabalho exatamente como a gente gostaria por que a montagem do elenco também não foi exatamente como a gente gostaria, principalmente para a série A1 que tem um nível técnico totalmente diferente [...]. (ROBERTA)

De Souza *et al* (2021) traçam alguns paralelos que nos ajudam a compreender a falta de investimento no futebol de mulheres. Para os autores, falar sobre a profissionalização do futebol das mulheres pode parecer antagônico, porém, tem-se desenvolvido um grande trabalho para tornar a modalidade comercialmente viável e isso também se dá pela participação das mulheres dentro das comissões técnicas. Neste sentido, o número de mulheres nestes cargos tem que aumentar, mas mesmo com um grande potencial, a barreira do investimento é uma das que mais assombra, em especial, o futebol de mulheres. Como exemplo, no ano de 2018, para o desenvolvimento da Copa do Mundo feminina, foram destinados para tal 30 milhões de dólares, enquanto para o masculino, o valor foi de 400 milhões de dólares. Outro fato que revela esta discrepância foi que a FIFA destinou 4 milhões de dólares para a equipe vencedora da Copa do Mundo de Futebol Feminino, já para o futebol masculino a quantia foi de 38 milhões de dólares. (DE SOUZA *et al.*, 2021)

As entrevistadas também trouxeram questões correspondentes às relações que estabeleciam com a diretoria, companheiros de trabalho, torcida, mídia, federação e com a confederação brasileira.

Para dar início, daremos destaque às relações delas com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), especificamente quanto ao tratamento direto com as treinadoras, os cursos oferecidos pela confederação e as críticas sobre os modos como esta tem lidado com o futebol de mulheres e com as treinadoras.

A realidade, por exemplo, a confederação começou a fazer incentivos a própria formação, isso é interessante, lógico que é um investimento super caro [...] tem essa história da CBF de promover o curso, as federações locais eu acho que podem estar auxiliando nesse sentido a colocar a presença da mulher não só no futebol feminino, mas estimular no futebol, é através dos próprios cursos, você tem aí publicidade para ser feita, como você tá vendo a mulher na política, como você tá vendo a mulher adentrando a todos os espaços, né?! Democratizar esse acesso, acho que é preciso fazer essas situações [...] eu não sei como tá esse último curso, mas o meu foi 23 (mil) e alguma coisa e meu clube pagou 50% e eu paguei meus outros 50%, a CBF não me deu nada não, mas não me deu mesmo. [...] a CBF tem como incentivar mais os clubes sim, pega o balanço anual total da CBF, vê lá o que ela disponibiliza pra gente, aí fica com um discurso de encher a linguiça aí e apontando para todo mundo menos para eles. (CLARA)

[...] então eu não sei o que aconteceu, o que tem acontecido, como tem lidado com outras treinadoras, eu nunca... eu não chego até a federação do meu estado, tem mais ou menos 5

pessoas antes de chegar em mim, eu não ligado com problema, não lido com problema de burocracia, nada, mas ao mesmo tempo o fato da gente não se aproximar, eles também não tem nenhum contato de educação, não sei se futuramente tem, mas eu não tenho contato, a CBF o ano passado, finalmente, criou aquela porcentagem, de mulheres, com certos pré requisitos conseguem o curso de treinadora mais barato, que eu entrei nessa onda, eu não entraria, mas eu entrei nessa onda, acho que são 25%, 20% mais barato, então eu acho que a CBF está fazendo de alguma forma, começando a estimular os processos de capacitação para treinadoras, eu ainda acho que está longe de ser bom, exemplo, eu estou fazendo um curso que tem 50 pessoas na minha turma e 2 são mulheres, isso é inadmissível, então, eu não sei como está a C (Licença CBF C) um curso mais baixo, será que eles vão criar leis do tipo tem que ter 25% da turma tem que ser mulher, independente de pré requisito, é botar [...] os pré requisitos para você entrar no curso da CBF C, que já é o primeiro curso, você já teria que ter anos de profissional, que eu não sei se você tem, e você tem que ter ou anos já como treinadora em níveis de profissional ou de base, o que já descarta uma possível treinadora, o que é inadmissível, então só ex-atletas que vão conseguir entrar no pré requisito ou pegar a porcentagem, mas está melhorando a porcentagem, pensamento positivo [...] eu acho que eu diria que, eu tinha um sonho de fazer o curso da CBF e é um curso muito caro e eu me inscrevi antes de eu entrar no Laranja [...] Acho que o curso de treinador da CBF, e o que eu sei que se eu tivesse por exemplo, qualquer curso que eu fizer daqui pra frente, aqui como treinadora do Laranja, isso é negociável com o Laranja, eles pagariam ou auxiliariam, é uma empresa que realmente tenta criar parcerias e investir em aspectos acadêmicos, de capacitação de treinador. (CAMILA)

[...] uma coisa interessante que eu acho é o programa mulheres em campo da CBF onde você, para fazer alguns cursos e licenças, acaba tendo um desconto, então o teu investimento acaba sendo um pouco menor, por ser mulher, então eu acredito que seja um incentivo para a mulher buscar o seu espaço e cada vez mais se relacionar e a confederação [...]. (ROBERTA)

[...] eu acho também que poderia ter um apoio maior da confederação, eu vejo já que eles, cada vez mais eles estão exigindo mulheres dentro das comissões técnicas, isso é muito importante e ter também no comando na seleção de base ou na própria equipe principal mulheres comandando, e isso é fundamental para o crescimento e, é claro, que eu acho que deveriam ter mais cursos, algumas coisas mais específicas para o futebol feminino que a própria CBF e as próprias federações poderiam estar auxiliando, ainda mais nesse sentido. (JESSICA)

Das cinco treinadoras entrevistadas, quatro possuíam algum tipo de licença da CBF, sendo a Licença C, a Licença B, a Licença A ou a Licença de Gestão de Clubes. Sobre as licenças promovidas pela CBF, Novais e Mourão (2020) explicam os valores e as respectivas funções de cada uma delas. A Licença C para treinador para escolas

de iniciação para crianças e adolescentes, com um custo de R\$5.600,00. A Licença B para treinadores de categoria de base R\$ 7.710,00. A Licença A para treinadores de equipes profissionais, com um custo de R\$ 10.550,00, para estes também há a Licença PRO com o preço de R\$19.130,00 (NOVAIS E MOURÃO, 2020). As autoras também complementam, ressaltando que:

Além dos tipos de capacitações mencionados, existem também as Licenças CBF, específicas para a atuação no futebol brasileiro. Nesse ponto, cabe analisar a relação estabelecida entre os custos dessas licenças e as condições financeiras da treinadora que pleiteia se capacitar na CBF. É notório o quanto o futebol de mulheres no Brasil não desfruta de investimentos, no mínimo, adequados seja por parte de leis de incentivo e de patrocinadores. Além disso, não há em nosso país uma preocupação dos clubes e instituições em investirem na capacitação das pessoas que desempenham quaisquer tipos de funções dentro do futebol. Dessa forma, as treinadoras que se capacitam no mais alto nível (possível para elas) no Brasil, o fazem por méritos próprios e diante de uma situação financeira precária (NOVAIS; MOURÃO, 2020, p.110)

Algo diferenciado apresentado por uma das treinadoras foi o investimento do clube no seu curso para a obtenção da licença, trazendo um indício de algum tipo de valorização desse processo para as mulheres, divergente do que encontraram Novais e Mourão (2020). Entretanto, nas narrativas das entrevistadas, pudemos observar que ainda há uma baixa representatividade de mulheres dentro destes cursos, na fala de uma das entrevistadas: “as mulheres eram apenas 4% das participantes para aquela sala”.

A respeito das relações com as federações dos seus estados e de outros as treinadoras expuseram críticas e elogios.

[...] mas em relação a federação, eu falo da nossa federação aqui por que ela é uma federação que entre aspas não leva muito a sério o futebol feminino, então hoje, uma das principais equipes do Brasil ela está dentro do nosso estado e a federação não trata a modalidade como ela deveria tratar, passa por isso primeiro, acho que a questão das competições e tudo mais. Em relação ao investimento para especialização das treinadoras, do acesso, da entrada delas, ainda não é tão grande, não se tem isso como uma prioridade, até pelo número de equipes e tudo, o que a federação aí, acaba tratando a modalidade com descaso em alguns momentos. (ROBERTA)

Como eu sou nova ainda, no ramo, de treinadora, eu ainda não tenho assim... um vínculo muito grande com a federação propriamente dita, a relação é boa, eles acompanham nossos treinamentos, dão apoio, o

governo aqui do estado também apoia muito o futebol feminino [...].
(ANGELICA)

Eu não sei as federações, eu não sei dos projetos das federações o que eu sei que é que a Federação [deste estado] tem projetos maravilhosos [...] por exemplo, a federação [deste estado] ela tem vagas exclusivas para mulheres, para os cursos de treinamento da CBF e paga 50% para todo mundo que trabalha em São Paulo, maravilhoso [...]. (CAMILA)

Sobre a convivência com a equipe diretiva e gestora das equipes, as narrativas foram bem diferentes, houve aquelas que explicitaram total apoio e aquelas que não tinham apoio nenhum.

[...] eu não tinha o amparo da gestão, então você acabava lutando por uma coisa onde só o teu trabalho era colocado, não tinha um gestor que nos acompanhava. Para vários jogos nós fomos sem ninguém na arquibancada para ter uma visão de fora, para até fazer uma pressão nas situações ali que a gente sofreu, então a gente não tinha esse respaldo da gestão, [...] a gente não tinha esse respaldo da diretoria. Outra situação que não tinha, como a equipe foi montada para ser apenas uma extensão de uma outra equipe, a gente não tinha alguém que lutasse pela modalidade, pelas jogadoras e tudo mais, quem tinha que fazer essa função era eu como treinadora, parte da comissão técnica, nossa comissão técnica era muito enxuta e a gente acabava fazendo o trabalho de campo e o trabalho extra campo, em alguns momentos, por não ter esse respaldo da gestão. Então eu falo que em relação a condição de trabalho elas nunca foram as ideais e para as próprias jogadoras e pra gente mesmo não tinha a questão de assinar carteira, de ter um contrato certinho e ter todos os direitos para ter uma continuidade bacana. (ROBERTA)

[...] ali no Prata, eu sempre tive muito apoio, o meu diretor é uma pessoa que eu não conhecia dentro do futebol, ele é um ex atleta, ex jogador, eu conheci ele em 2017 e eu acho que eu fui conquistando ele com o meu dia a dia, ele é uma pessoa com mais idade, a gente sabe que ele tem um jeitão meio, ele até fala 'eu tenho que mudar esse meu jeito, que sou meio grosso, sou meio né?! que eu falo, eu sou antigo, eu não tenho essas coisas' ele fala assim. Mas ter o apoio de pessoas que acreditam no teu trabalho e que estão ali no teu dia a dia acho que isso é fundamental para que dê certo e eu sempre tive apoio [...] Hoje no meu clube atual eu te digo que não (enfrenta dificuldades pelo fato de ser mulher), até muito pelo contrário, as pessoas tanto da diretoria do clube, e claro, colocando junto a diretoria do futebol feminino, eu sempre sou uma pessoa que sou muito respeitada, sempre elogiam muito o meu trabalho, estão sempre me apoiando muito, sabem das dificuldades. Eu procuro passar o que a gente precisa para cada vez estar melhorando e, claro, às vezes em passos mais lentos a gente tá conseguindo construir um projeto cada vez mais sólido a cada ano, mas eu tenho total apoio aqui da minha diretoria e cada vez mais a diretoria do departamento de futebol do Prata tá vendo a importância e o crescimento do futebol feminino e tem dado mais condições da gente trabalhar e evoluir. [...] eu não posso reclamar muito porque todos os lugares que eu passei eu tive muito apoio e muito incentivo, é claro que as cobranças normais de resultados, de falar alguma coisa, de querer achar que é técnico, de saber mais que a gente que tá ali no dia a dia, mas acho que são coisas normais assim, eu procuro dizer que eu

sempre tive muito mais apoio e confiança das pessoas onde trabalho ali diariamente e acho que isso é o fundamental. (JESSICA)

É difícil, é bem difícil, mas eu não deixo, eu tento às vezes, na maiorias das vezes, não deixar que eles... Eu respeito é óbvio a hierarquia dos dois clubes que eu participei, a maioria, são homens, a comissão, o presidente, criaram agora nesse clube, uma equipe feminina, assim, para apoiar, para ajudar as meninas, mas é uma equipe que tipo, ainda não entende, pegaram conselheiras do clube, com idade mais avançada, levaram lá apresentaram as meninas, mas mesmo assim, ainda não é suficiente [...]. (ANGÉLICA)

Nos interior dos depoimentos identificamos uma assimetria na forma em que as diretorias e as pessoas envolvidas nos cargos de liderança, presidentes, conselheiros e diretores, ainda lidam com o futebol de mulheres e as mulheres enquanto treinadoras. Uma das participantes tenta entender como o clube pode lidar com isso e o que ela faz para conseguir enfrentar com algumas adversidades em seu dia a dia:

[...] na mesma forma que no clube eu sei que certas coisas que eu pedi ou requisitar se não vierem com argumentos certos e fortes e bem minuciosos, eles vão... Por exemplo, uma das vezes em reuniões, nós estávamos falando sobre equipamento com a diretoria depois do brasileiro, eu comentei que eu queria mais pratinhos, que são os cones pequenos, e eu coloquei 'de cores diferentes' e um diretor disse 'isso é coisa de mulher' aí eu disse 'se isso fosse coisa de mulher vocês só teriam duas cores ali no profissional (masculino) e vocês tem cinco [...]'. O mais engraçado é que ele sempre solta umas, sabe?! Mas ele sabe que ele está em um processo de reeducação, então ele tenta ouvir, mas eu sei também que não é toda vez que eu escuto algo. Eu tenho que chegar lá e educar, senão eu vou me tornar a pessoa que está... quase... sei lá... entre aspas chata, mas eu olhei pra cara dele e falei 'putz nada a ver'. [...] nunca tive problemas grandes, eu sei que muitas treinadoras têm, eu nunca tive, não sei se isso é sorte, se isso foi capacidade de argumentar certas coisas, não sei se é minha personalidade, não sei te dizer. (CAMILA)

Essa assimetria de oportunidades nestes espaços de gestão segue alimentando o machismo relatado por Camila. Todavia, a treinadora reforça que precisa estar mais preparada com bons argumentos para enfrentar estas situações e obter suas conquistas.

No contato das treinadoras com as várias questões relacionadas ao futebol, foi evidenciada também a relação com as torcidas, seja presencialmente ou por meio das

redes sociais e a mídia em geral. Identificamos um cenário bem diversificado, mas, ainda assim, houve revelações da presença do machismo alimentando uma atitude de desvalorização do futebol de mulheres, entretanto, as treinadoras demonstraram vários comportamentos de se impor e ir buscando construir novas trilhas dentro dos limites que têm lhes sido impostos.

[...] o que eu estou tendo experiência aqui no Laranja, tem torcida organizada que entra em contato e dão muito apoio, também vejo que tem muito torcedor que é muito contra o futebol feminino, é claro, fazer o que [...]. [...] quando a gente tá mal no campeonato, eu prefiro nem olhar a mídia social, tem certas coisas que eu gosto de compartilhar, principalmente os méritos das atletas tudo mais, mas no geral assim, eu tenho atenção seletiva pesada com relação à mídia, mas, eu nunca recebi direcionado completamente para mim, eu nunca recebi nenhuma crítica forte ou algo... Então, eu já vi no Instagram no Laranja quando eu fui oficialmente... quando eu entrei oficialmente tinha alguns torcedores falando, fazendo algumas críticas e tal, então o trabalho tá ali, não vou discutir no Instagram, não vou discutir com torcedor. No final, a minha maior palavra é o trabalho, então o trabalho está sendo bem feito pra quem está assistindo, a gente tenta explicar e vamos indo. (CAMILA)

Aqui agora está mais tranquilo, antes eles tentavam me sacanear direto, eu sacaneava eles, muito calma, eles tentavam me pilhar, sou muito pilhada a beira do campo, é questão de comportamento, mas aí, às vezes, eles queriam me alfinetar, queriam polêmica né?! O que gera ibope é polêmica, eles tem que polemizar as coisas, de preferência, tu explode [...]. Eles jamais iriam conseguir o que queriam comigo naquele momento, mas eu sempre coloquei para eles a importância deles para a nossa evolução, a evolução da modalidade, que eles tinham que estar juntos e algumas matérias não ajudavam, elas só atrapalham, então, lá pra trás eu tive muitos problemas nesse sentido, de pegar matérias que denegriram a imagem, quando se fosse em um outro ambiente eles abafavam, eles faziam coisas propositais, que é aquela história, a gente tem que perceber quem é nosso inimigo oculto, quem realmente está por trás disso, se realmente nos quer pilotando os fogões, pegando na mamadeira, ver quem são essas pessoas, que não conseguem entender nada, não conseguem evoluir, que são ignorantes, eu acho que é bem por aí, e eles estão em todo ambiente. (CLARA)

[...] já participei de algumas situações em redes sociais, principalmente de entrevistas, de *lives* e tudo mais, acredito que a mídia ela é bem acessível mas ainda é do mundo do futebol feminino, então são aquelas pessoas que realmente gostam da modalidade, dentro do Brasil tem evoluído dentro desse sentido, tem a transmissão de alguns jogos em rede aberta e fechada de alguns canais que realmente tem grande visibilidade, acredito que vá crescer muito isso, mas até hoje eu só tive experiências tranquilas por que sempre lidei com pessoas envolvidas no futebol feminino [...] O ambiente do futebol feminino ainda precisa de muito mais desenvolvimento da imprensa, da mídia escrita, da mídia falada, das redes sociais aí, e para cada vez mais crescer a modalidade. Das experiências que eu as tive foram muito tranquilas, tanto entrevistas quanto em questão de exposição em redes sociais. (ROBERTA)

Eu tenho um bom relacionamento aqui com as mídias, eu não sou muito assim, eu sou mais fechada, não procuro dar muita ênfase às redes sociais, a esse pessoal, aqui no Prata a gente tem a nossa assessoria de imprensa, neste campeonato brasileiro a gente participava de entrevistas coletivas antes do jogo, pós jogo e isso é muito legal para as pessoas cada vez mais poderem conhecer o nosso trabalho [...]. (JESSICA)

Hoje, elas estão ajudando mais, do que atrapalhando, eu ainda vejo alguns comentários machistas nas transmissões, aqui o campeonato está sendo transmitido pelo canal na internet e tem aumentado cada vez mais as visualizações e ajudam, mas sempre tem alguém que quer colocar a gente para trás, sempre tem alguém que critica e comigo elas são boas, eu sou... dou sempre entrevista aqui, as meninas também, nesse sentido tá ajudando bastante [...] hoje, no Marrom, nesse clube, tem uma visualização bem maior porque é um clube grande aqui do estado, e aí quando tem jogo, triplicou as visualizações dos jogos, está sendo muito bom, as meninas estão gostando muito de fazer parte de um clube mesmo. (ANGÉLICA)

[...] eu vejo também muito que as pessoas elas acham que o futebol feminino não está no nível que ele se encontra hoje então, eu vejo que muitas pessoas querem mandar jogadoras para nós, que se destacou no colégio, já acha que pode vir para o Prata, eu recebo muitas atletas que a diretoria do clube junto com o presidente recebem isso e a gente vê como que a gente tá num outro nível e quanto mais vai crescendo, mais acontecem as exigências e quanto mais o futebol feminino vai aparecendo para o grande público, para o torcedor, as cobranças começam [...]. (JESSICA)

[...] Muitos, à beira do campo, 'ah tinha que ser mulher' 'burra, tá fazendo essa troca' a expressão final é 'tinha que ser mulher [...]'. (CLARA)

Sobre as mídias, De Sousa *et al.* (2021) salientam que, em tempos passados, sem a internet, mídias sociais, e as *lives*, esse contato direto, porém realizado de forma não física com as treinadoras, não seria possível. Para os autores, as redes sociais, com o advento da internet e as mudanças da mídia tradicional, passaram a desempenhar um papel relevante no contexto social (DE SOUSA *et al.*, 2021). Januário *et al.* (2016, p. 5) atribuem um papel importante para a mídia: “Como uma das estruturas responsáveis pela transmissão e produção e reprodução de subjetividades, a mídia não pode ser enxergada como simples aparato tecnológico, uma vez que assume funções sociais no mundo moderno”. Os mesmos autores ainda fazem duras críticas relacionadas ao modo como a mídia se relaciona com o futebol de mulheres, defendendo que há uma necessidade de maior visibilidade do esporte praticado por mulheres dentro da cobertura midiática.

As entrevistadas exploraram suas perspectivas em torno da reflexão “ser uma treinadora de futebol de mulheres no Brasil”, demonstrando orgulho da posição que

elas ocupavam, muita sabedoria para transitar neste campo e o reconhecimento por terem que travar uma luta diária.

[...] minha posição desse momento, é de completo encontro, eu diria, por que, hoje em dia eu não consigo me imaginar fazendo outra coisa [...] estar no campo, dando treino, evoluindo as ideias, têm sido muito bom, para mim é uma realização ser e fazer parte da elite do futebol, que todos os meus amigos praticamente, que eu passei minha vida toda, assistindo os clubes na televisão, então o fato dos meus amigos me assistirem na televisão e minha família ver isso, isso é muito importante pra mim, é como se tudo que eu assistisse, ouvisse, a gente começou a fazer parte, e isso é só o começo [...] eu acredito também pela visibilidade que você ganha, eu sou mais exposta a oportunidades fora da minha região, então semana passada eu fui convidada a participar de uma conferência europeia lá, maravilha então, eu estou no foco, eu estou em um nível de visibilidade que me leva a lugares diferentes, tanto de viajar como de oportunidade de compartilhar, oportunidades de capacitação, acho que é um emprego que acredita que pode me pagar para dar curso, pode me auxiliar para eu fazer cursos de capacitação *networking*, conhecer gente, nossa... é uma das coisas mais legais do futebol, você conhece muita gente, você tá exposto a muita gente, você trabalha com muita gente [...]. (CAMILA)

É um cargo de muita responsabilidade, até porque a gente está no país do futebol e a gente sabe o quanto a gente lutou para conseguir chegar nesse momento atual que a gente está, eu vejo que as coisas estão melhorando muito, mas, acredito que só quem tem muita persistência e corre atrás realmente, e vê que aquilo ali que tu quer pra ti, consegue estar hoje à frente de um grande clube [...] Eu acho que a principal é a gente estar à frente de uma grande equipe e tu conseguir incentivar essa nova geração, por que eu vejo que o futebol feminino ele precisa com que mais meninas comecem cada vez mais cedo a jogar a modalidade, então, eu acho que esse é o nosso principal papel assim, resistir a tudo para estar à frente e mostrar para as meninas mais jovens que um dia pensam em jogar futebol ou pensam em ser treinadoras de futebol, que é possível, e que elas precisam trabalhar muito mas que se elas quiserem realmente, elas tem condições de alcançar, então acho que para mim isso é o principal. (JESSICA)

[...] eu tirei muito leite de pedra, a verdade é essa, a verdade é essa, tirei muito leite de pedra, o que eu vejo é que se me dessem igualdade de oportunidade, pelo amor de Deus, eu não tenho dúvida que a gente estaria voando, é muito difícil, além de tudo eu tenho que captar os recursos, eu tenho que... como eu disse, isso foi ao longo do tempo, as coisas vem melhorando agora, a estrutura vem se organizando, mesmo assim é luta diária [...] quando pega uma pessoa assim, com um pouquinho mais de condição, digamos assim, porque minha família também me dá estrutura para isso, aí facilita um pouco, mas aí você pega as pessoas para que elas estejam entusiasmadas para serem treinadoras de futebol, nessa forma que a gente tá, no meio que a gente está, até o masculino, pelo amor de Deus, primeiro que a gente não tem... no nosso futebol a gente aparentemente, quando fala futebol lembra do Flamengo, lembra do Corinthians, mas nosso futebol não é isso, isso aí é exceção do nosso futebol, nosso futebol é a série D, série B, você pegar isso aí você vai ver 80% do nosso futebol a nível geral, 80% está aí, isso aí é o nosso futebol brasileiro, não queira nos enganar não, isso é o nosso futebol brasileiro, não queira nos enganar não, esse é o nosso futebol brasileiro, o restante é a elite do futebol, aquilo ali é outro patamar, quantas portas vão estar abertas aqui? ninguém,

porque aqui em cima só vão iniciar, os conhecidos, os gestores dos clubes, aquela... eu acho que você deve ter escutado e inclusive sabe como acontece a infiltração, por mais competente que seja, é muito difícil infiltrar nessa bolha, isso é uma bolha, é igual a sociedade.... aí tem que ter o *know how* de estar no meio. (CLARA)

As entrevistadas destacaram o papel que representam para a constituição do futebol de mulheres no Brasil, sobretudo, preocupadas em ser inspiração para outras pessoas, sem desconsiderar as inúmeras dificuldades na continuidade da carreira.

Primeiro que você tá conhecendo culturas diferentes, regiões diferentes, quando você está participando das competições, você tá construindo uma nova forma de visão diferente, do próprio futebol também, das situações, é isso, acho que amplia essa visão de tudo, de cultura, amplia nesse sentido, de conhecer pessoas, de conhecer acho que universos diferentes também, de promover o próprio esporte, de ser reconhecida pelos feitos, isso.... Digamos assim, não nos engrandece mas a gente vai estar lá o nome da gente na história, a gente não passou a vida em vão, ninguém passa a vida em vão, não sei como te falo [...] não sei qual a palavra que eu te digo, que a gente deixou um pouco do nosso trabalho plantado na cabeça no entendimento da lógica de algumas pessoas que a gente vivenciou, como a gente se encontra com atletas, e aí tem todo aquele agradecimento, aquela história 'tu me disse uma palavra que tu não sabe o que mudou na minha vida, você não foi só minha treinadora' [...] é gratificante né, quando você tem os seus êxitos, o reconhecimento das pessoas, mas sabe que não vai ser fácil, o que eu digo é que não desista, se realmente é isso, se o DNA é isso que está no sangue, não há como a gente deixar de ser feliz por causa de toda uma situação de luta e eu me sinto muito realizada quando eu estou à beira do campo, embora te falei desses enfrentamentos do dia a dia, mas é assim que eu me sinto, é o lugar que eu mais gosto de estar, é na beira do campo, com as meninas principalmente [...] é gratificante formar atleta, é gratificante estar com as meninas, principalmente no futebol feminino, dar oportunidade, ver a evolução delas e ver nossa evolução quanto profissional, ver o time ganhar, ver o time... que não depende só da gente, futebol ele é muito amplo [...]. (CLARA)

[...] não foi fácil o ano, mas eu coloquei na minha cabeça que eu continuaria no futebol e eu tenho buscado isso, que essas portas se abram, algumas portas se abriram após o Roxo, série A1, mas nenhuma que fizesse brilhar os olhos para continuar na carreira e mudar de cidade e tudo mais, então, eu acredito que ainda eu espero a oportunidade certa, acredito que ela vira, por que tenho buscado isso mas, que a mulher só cresça [...] seja forte, resiliente, que resista por que os dias melhores eles sempre vem e o que passou, as dificuldades que teve, isso é só para fortalecer e realmente fazer da mulher realmente aquilo que ela é, o que ela merece ser e que continue, que não desista do sonho, se tem esse sonho, acho que todo mundo vive pelo sonho então enquanto o coração bater mais forte tem que continuar, se achar que não também não tem problema,

acho que não precisa se frustrar por isso por que o caminho da mulher em si ele é muito amplo e tem outras possibilidades também. (ROBERTA)

Mesmo com tantas dificuldades que vão requerendo lutas diárias, as treinadoras relataram encontrar muitos aspectos bons e gratificantes no que vem fazendo. O fato de se verem na televisão, ser inspirações para outras mulheres, contribuírem com a formação de atletas, serem convidadas para apresentações/palestras e conhecerem outras culturas, foram exemplificados por elas como pontos altos da carreira de treinadora.

Na sequência, ganharam relevo as questões relacionadas ao gênero no correspondentes à profissão de treinadora como, por exemplo, ser mulher e conviver dentro de um ambiente masculino e machista, ainda que se tratando de um esporte praticado por mulheres.

Primeiramente, serão apresentadas as barreiras que elas pontuaram encontrar e que, às vezes, eram superadas por serem mulheres no comando das equipes.

[...] é muito difícil porque você acaba tendo que matar um leão por dia e provar todos os dias que você tem capacidade, não que isso seja o principal problema, até porque uma das principais características da mulher é que ela é muito resiliente e eu acredito muito que a mulher tem essa força de enfrentar várias situações mas o ambiente ele é muito masculino, ele é muito masculino mesmo, não só na questão da liderança, de ser mulher e tudo mais, mas na própria questão de ser atleta, eu já estive dos dois lados, ainda isso está muito dentro do futebol onde seu estereótipo ele é colocado o tempo inteiro à prova, você já é colocada como alguém protocolada, rotulada e muitas vezes você é muito mais do que todo mundo pensa, não é um ambiente fácil em nenhum momento, confesso que já pensei em desistir algumas vezes mas enquanto o sonho é maior dentro da gente, a gente continua e eu acredito que as mulheres que continuam no esporte é por isso, por que sonham, por que amam a modalidade, por que lutam por ela e questão de liderança eu vejo que a mulher ela tem uma facilidade um pouco melhor na gestão de pessoas, por eu ter sido atleta eu também consigo entender um pouco melhor a cabeça das meninas, até a abertura delas para falar com uma mulher no comando, ela é diferente, na liderança, ela é diferente do que com um homem, nesse fator acredito que favorece muito, por ser mulher, mas ainda a gente passa muito por essa questão de gênero [...] como eu não tive respaldo em alguns momentos e por ser mulher, você percebe que algumas coisas são diferentes até na forma do tratamento, da cobrança, da forma como você vê o jogo muitas vezes, o futebol já é um jogo muito aberto que todo mundo tem uma opinião sobre, não só quem faz parte da equipe mas também quem está fora, mas é como todo mundo te olhasse em vários momentos e achasse que você não tivesse capacidade de fazer aquilo e você todo dia tivesse que matar uma LEOA e provar que sim, você tem capacidade, e uma coisa que eu tenho dentro de mim é que a gente mostrando resultado com certeza a gente acaba mostrando a nossa competência e mostrando quanto a

mulher ela consegue também fazer um bom trabalho dentro do futebol, acho que existe muito preconceito ainda, muito machismo eu falo isso abertamente por que a gente sente na pele, não é uma coisa fácil de lidar, mesmo que nas entrelinhas, as vezes fica muito escondido, mas ainda tem muito machismo, principalmente quando você trabalha não só com mulheres na comissão, com outras pessoas, não por ser homens, tem homens que aceitam também e são super bacanas, mas a gente vê que há muita discriminação por ser mulher mesmo [...] outra coisa que a gente percebe que equipes treinadas por mulheres elas são muito organizadas taticamente, não por ser mulher mas por essa parte da mulher se interessar, por estar buscando conhecimento, por encaixar as peças da melhor maneira possível, pelo fato também de ter que provar todos os dias a sua capacidade e sua competência para dar continuidade ao trabalho, espero que isso só melhore, que só cresça e que a mulher cada vez mais tenha essa oportunidade de mostrar sua capacidade, por que as mulheres são competentes. (ROBERTA)

[...] eu diria que como eu digo, todo grupo de minoria ele tem que ser 10 vezes melhor do que a maioria ali, então, eu sei, eu estou ciente que eu como mulher eu preciso... eu não vou chegar lá com respeito, tem uma frase que eu amo de um artigo que fala assim 'O homem chega para dar treino e ele só perde o respeito depois que ele prova que é ruim, a mulher chega para dar treino e ela só ganha o respeito quando ela prova que ela é boa' então eu tenho ciência disso, eu não vou brigar, não vou... sei que para eu ganhar certo respeito eu tenho que realmente provar, pra eu ganhar certo respeito dentro de uma sala de diretoria eu tenho que aprender a argumentar, eu tenho que fazer sentido dentro do meu diálogo, então tranquilo assim, todas as coisas que eu pedi, que eu fui argumentar de forma certa, nunca chegaram e falaram 'ah, é mulher' [...] eu não gosto de discurso que generaliza, 'ah assim que são as mulheres' 'é assim que acontece' não gosto 'ah mas mulher é assim, você tem que trabalhar' [...] você tem que se preparar mais do que todo mundo, é isso, não tem mistério, pra você ganhar respeito como mulher em um ambiente que é masculino entre aspas, você tem que estar muito preparada, você não vai conseguir ter o respeito necessário, ou ter oportunidades necessárias se você não provar e se você não se destacar de uma forma positiva, então, se prepare muito mais do que todo mundo, então corra atrás de curso, corra atrás de apresentar, assista mais jogos [...]. (CAMILA)

Enfrento, enfrento sim, todos os dias, são pessoas que ainda não acreditam no seu conhecimento, na sua experiência, desconfiam, como eu falei no início, até as próprias atletas, algumas delas ainda tem esse receio por que as mais experientes então, que passaram a vida jogando nos clubes e nunca tinham nenhuma mulher presente nas comissões, então elas sempre ficam com o pé atrás, eu demorei um pouco, algo que vai fazer 10 meses [...] que eu estou trabalhando como treinadora e ainda tem meninas que olham de lado quando eu falo algo, mas, como eu falei, eu não vou desistir, depois ela vê, vai mudando, vai me conhecendo e vai mudando, vai mudando o pensamento, vai mudando a forma de ver as coisas, aí como é como que elas falam, sempre assim: 'Eita, ela é mulher mas ela entende mesmo', esse comentário ele é um dos piores, 'ela é mulher, mas ela sabe, né?!' [...]. O primeiro deles (dos problemas), é escancarado, é o machismo, dentro, fora, e até mesmo para as meninas, para elas ainda é difícil ver uma mulher lá no comando, porque até elas estão acostumadas sempre a ter um homem lá como treinador, mas é complicado, eu estou superando isso. [...] no primeiro dia que você chega lá e você vê todas as atletas olhando para você de lado, sem lhe conhecer, e aquele homem ali que já tem muito mais experiência que você, porque se você está começando, você não tá com experiência, uma experiência bem

adquirida de jogos, de todo o tipo de situação, então, que não desista, que vá em busca dos seus sonhos e mesmo que ali na frente, ou atrás, tenham homens que querem ou que não querem que você esteja lá, você vai estar lá de qualquer jeito, porque é ali que é o nosso lugar. (ANGELICA)

[...] eu falo de mim, do Prata, eu vejo também que quanto mais o futebol feminino vem crescendo, mais as cobranças acontecem, principalmente quando são mulheres no comando, por que parece que a gente nunca entende [...] Olha, a gente tem tido aí grandes resultados, a gente tem mulher campeã brasileira, a gente tem esse ano mulher campeã da libertadores, então isso mostra que aos poucos nós também estamos sendo inseridas aí nesse mercado. [...] (JESSICA)

Em uma das falas das entrevistadas, o fato de já ter sido atleta e estabelecer a relação mulheres lidando com mulheres resultava em uma maior abertura e entendimento dos anseios delas, havendo uma disponibilidade para conversas, algo que poderia ser mais complicado quando se tem um homem no comando. Todavia, este foi um dos únicos aspectos positivos, relacionados a gênero, que estaria a favor das mulheres.

Para as treinadoras, a mulher só ganhava o respeito do grupo quando demonstrava que sabia jogar, daí virem afirmações como esta: “ela é mulher, mas entende”. Estas representações sociais vão ao encontro do que Moura *et al.* (2010) identificaram, ou seja, uma treinadora de futebol na iniciação esportiva só ganhou o respeito dos pais dos alunos quando os mesmos identificaram que ela sabia jogar futebol.

Outro ponto abordado pelas entrevistadas foi sobre a quantidade reduzida da participação delas como treinadoras, compondo comissões técnicas das equipes ou ainda em cargos de liderança dentro do futebol de mulheres

[...] a cada ano a gente vem tendo também mais profissionais dentro da comissão técnica mulheres, e isso é muito importante para a gente conseguir dar sequência, mas é claro, que para a gente estar em um comando técnico, para termos um número maior de profissionais mulheres, a gente também precisa mostrar o nosso trabalho, mostrar que a gente é capaz, muito mais que os homens, eu acredito. Tem que estar sempre provando que a gente entende daquilo ali, tem que estar sempre buscando aprimorar e evoluir dentro dos conhecimentos do futebol, a todo momento tem que estar sempre se atualizando para não ficar para trás, porque a cobrança é sempre maior [...] no futebol feminino as coisas nunca foram fáceis então, vai ter aquela desconfiança por tu ser mulher, estar no meio masculino, mas eu acho que a cada ano a gente vem quebrando algumas barreiras. Eu vejo as mulheres hoje muito mais unidas, se ajudando, enquanto que em outros anos a gente não via tudo isso. Hoje as mulheres se apoiam

muito mais e isso está facilitando também, quando acontece qualquer coisa a outra já fala, já vem junto, a gente tem, além de pessoas trabalhando nas comissões técnicas, muitas jornalistas, muitas pessoas no entorno, que tem ajudado também, que sabem das dificuldades e que de alguma maneira já vivenciaram alguma dificuldade e eu acho que isso é o fundamental, nós nos ajudarmos e conseguirmos cada vez mais conquistar nosso espaço independente da área que a gente escolher [...]. Eu vejo uma cobrança ainda maior em nós mulheres, eu vejo que algumas treinadoras saírem de times e irem para outros, mas uma coisa que eu tenho acompanhado também é como as pessoas acreditam em nós mulheres para estarem à frente dos projetos de grandes clubes. Eu acho que tem muitas pessoas que acreditam muito no nosso trabalho, eu sei que são poucas treinadoras, eu sei que hoje na série A1, se eu não me engano, são 4 treinadoras, [...] e o mais legal assim, que eu acho, é que o incentivo está acontecendo na seleção brasileira, que a gente tem a Pia hoje no comando técnico, nas seleções de base [...]. (JESSICA)

[...] mais integrada à comissão da nossa principal são uma treinadora e duas auxiliares, então temos mulheres, eu não acho que necessariamente precisa ser mulher como treinadora, mas com certeza, deveria estar na comissão técnica do campo, então auxiliar, preparadora física... principalmente quanto mais, maior o nível, mais importante se torna a figura do auxiliar técnico, então se as figuras de poder, de liderança, são mulheres, é positivo pra gente. E também, no masculino, será que a gente chega? (CAMILA)

Às vezes as pessoas... eu até estímulo outras mulheres, por que aqui o foco sempre foi a Clara, e as outras surgiram, teve até um debate quando se colocou como se eu não achasse isso bom, eu digo que coisa mais ridícula, quando mais mulher... eu gosto de ver o céu cheio de estrela, não gosto de ver uma estrela só lá no céu, vai todo mundo brilhar, tem espaço para todo mundo [...]. Então muita gente escuta o que eu digo, no sentido de que, é muita... tem muita coisa por trás disso aí, de tudo, é muito machismo, é uma coisa histórica, enraizada, é não querer que a coisa cresça, nós temos uma boa presidente de federação, que vem tentando... colaborar muito. Ela está fazendo a parte dela, mas a coisa é muito macro e não é assim, a gente tá evoluindo mas, é preciso dar mais passos e ser inclusiva nessa questão da organização, como eu te falei, para que a gente melhore. [...] eu percebo que há um movimento muito grande de mulheres que tem sim competência para estarem sim nos ambientes [...]. (CLARA)

[...] só tinha mais uma, a Clara se não me engano, ela é treinadora do Amarelo se não me engano, só eu e ela, tinha 36 equipes, como a gente passou de fase e a gente ainda foi... e depois eu conheci a Rosa que é do Turquesa, foram poucas as oportunidades como treinadora, mas eu creio que está mudando, essa realidade, ela está começando a mudar. [...] mas eu acho do campeonato estadual que teve, eu não vi nenhuma treinadora, só tem eu aqui, no campeonato, só eu, eu sou a única mulher, tanto como treinadora como na comissão técnica de todas as sete equipes que participaram do campeonato, eu sou a única treinadora, provavelmente, da copa que será realizada, das 30 equipes que tem, eu não vi nenhuma mulher no congresso, só tinha eu [...]. Eu sou bem acostumada com essa situação (de só ter ela como mulher nos espaços), porque quando eu vou participar de algum curso, eu também sou árbitra de futsal aqui da federação de futsal, estou afastada porque agora eu estou como treinadora, não tem como estar fazendo os dois, mas eu meio que acostumei, até mesmo lá na universidade, quando tem um curso lá, que eles promovem, eu sou a única mulher, inclusive agora participei de um curso para treinadores

de equipe de base que foi promovido pela universidade também, tinham 57 participantes e só tinha eu de mulher na foto, só tinha eu. Agora eu estou com o cabelo curto, mas ninguém percebe que ali no meio daqueles 57 homens tinha uma mulher, e era eu, só eu mesmo. (ANGELICA)

Além destes depoimentos das entrevistadas, outra comprovação da pequena quantidade de mulheres como treinadoras das equipes de futebol de mulheres no campeonato brasileiro foi identificado no processo de construção da metodologia dessa nossa pesquisa. Após a consulta às sumulas, disponibilizadas pelas Confederação Brasileira de Futebol na data de Junho de 2021, havia apenas três mulheres atuantes como treinadora na série A, considerando que o campeonato envolvia 16 equipes, as mulheres correspondiam a apenas 26,9% das treinadoras do futebol de elite brasileiro. Já na série B, competição na qual estavam envolvidas 16 equipes, eram 11 mulheres neste cargo. Ainda assim, tal número se apresentou ligeiramente superior àqueles encontrados por Passero *et al.* (2020) que, ao analisarem as súmulas dos jogos dos anos de 2013 a 2019, identificaram que as mulheres representavam 17% do total de treinadores.

Ainda sobre as comissões técnicas, quatro entrevistadas se manifestaram sobre a inserção dos homens dentro das comissões técnicas do futebol de mulheres, revelando contrapontos em torno da inserção da mulher no futebol masculino.

[...] nosso trabalho está todo o dia a prova, como eu falei ali anteriormente quanto mais a modalidade vem crescendo, maior são as cobranças e elas se multiplicam ainda mais porque a gente ser mulher, a gente é sempre mais questionada, a gente vai ser sempre mais cobrada em relação ao trabalho de um homem, quando falam 'as mulheres tem que comandar todas as equipes do futebol feminino, a gente precisa ter mais mulheres' eu acho que o profissional, independente de gênero, se ele é homem, se ele é mulher, se ele tem capacidade, eu acho que ele pode dirigir as equipes e eu sempre tive treinadores que me auxiliaram muito e eram homens então eu costumo assim a falar que eles foram muito importantes para nos abrir também algumas portas e a gente vê hoje em dia muitos treinadores também específicos do futebol feminino que são homens mas que conhecem a modalidade a mais de 20 anos então não é pelo gênero que vamos dizer 'não só as mulheres tem que treinar no futebol feminino' ou 'só a comissão tem que ser toda de mulheres' essas coisas que a gente ouve, acho que tem muito profissional masculino que conhece bem a modalidade, que sempre ajudou que viu esse crescimento e merece estar vivendo esse momento também [...] independente se é mulher ou homem se tu tiver qualidade, colocar em prática o teu trabalho e buscar estar sempre fazendo o melhor para conseguir os resultados, por que muitas vezes tu faz um grande trabalho mas sem o resultado... parece que nada daquilo foi feito, então o futebol é um esporte, não só o futebol, tem outros esportes, mas eu vejo no futebol muito mais isso,

se tu não ser o campeão, nada daquilo de que tu fez valeu para as pessoas [...] (JESSICA)

[...] o que eu vejo assim, eu acredito que a comissão técnica tem que ser a figura que representa o mundo, na minha percepção, então a gente precisa não só das diferenças e diferentes personalidades para que o atleta reconheça e consigo chegar a essas pessoas com segurança de acordo com a necessidade, como também tem que ver... existem homens e mulheres no mundo, então o menino e a menina, jogador ou jogadora tem que ter acesso a essas pessoas em posição de poder e liderança, muito mais do que isso, mas, se o clube usa como ferramenta de capacitação e de cultura que terão só mulheres naquela comissão, isso é do clube, por um processo de princípio de segregação para melhorar a capacitação daqueles funcionários para que futuramente seja essas pessoas, essas pessoas podem ir para o masculino, não vejo problema, só tem que ver de uma forma... tem que ser pensado, qualquer tipo de integração e segregação ela tem que acontecer de forma intencional, pode ser num projeto a curto ou longo prazo, 'a gente quer agora que seja só mulheres, para que a gente conseguir capacitar essas mulheres para nossa categoria sub 15 sub 17 sub 20 e adultos, então a gente vai ter só mulher aqui para que depois a gente possa distribuir essas mulheres e poder contratar de acordo com a demanda' ótimo 'não, a gente quer só mulher porque aqui no clube, porque no masculino vai ficar só homem e no feminino só feminino por que o clube decidiu que é assim' você tem um princípio, tranquilo, assim, eu acredito que para mim deveria ter todos, ter menino e menina e deveria ser tudo (misturado) (CAMILA)

[...] Então, de repente a CBF vai a lógica, pela lógica que eles fazem né, dizer "todos os clubes de futebol feminino tem que ter treinadora feminina" eu não duvido nada que eles digam isso, embora eu seja contrária a isso, que não é por aí, como eu disse, que a gente seja mais valorizada e valorizada de forma igual [...] a treinadora ela tem que mostrar 10 vezes mais competência a mais que o treinador, se tiver no mesmo nível, quem vai ser contratado é o treinador e não a treinadora, as coisas estão de moldando, mudando, mas como eu disse, em passos lentos, um cara pode ser treinador do feminino, mas a mulher não tem espaço lá no masculino, aí vai virar uma guerra de sexo, né?! Quem treina aqui não treina ali... eu não acho que é bem assim, acho que o critério é competência, o critério é competência, agora para se ter competência para se mostrar competente que que haver abertura de espaço, e nessa abertura de espaço então a situação de que o meio é machista, o ambiente, as situações, está se quebrando as coisas mas aos poucos, mas a muita cultura de resistência tanto é que para se ter os clubes, foi preciso exigência, ter a licença CBF para que os clubes deveriam compor seus quadros com futebol feminino, não foi uma coisa decidida no ambiente do clube, foi algo imposto, lógico que é bom para a modalidade, mas para você tem a noção de que o que se carrega dentro da cultura do futebol é esse machismo ainda (CLARA)

[...] o meu tempo até hoje ele foi muito difícil, em vários sentidos, mas eu também tenho isso dentro de mim, que quando você aprende a passar pelos momentos difíceis lá na frente você pode colher bons frutos e eu acredito que tenham projetos estruturados sim, acredito que o campo para a mulher dentro do futebol ele tem se aberto muito, para a mulher treinadora, se for ver numa estimativa aí nos anos anteriores, você dificilmente via algumas mulheres, era muito poucas, e aos poucos está se equilibrando, então eu acredito que nacionalmente, apesar de ainda ter muitos homens e isso não desmerece o trabalho de ninguém, independente de gênero, o que define é a competência [...] (ROBERTA)

Em consulta aos sites dos clubes das séries A e B de 2021 do futebol masculino brasileiro, dos 40 clubes, não encontramos nenhuma mulher no cargo de treinadora ou de auxiliar técnica. Na série A, as mulheres apareceram em outras funções, sendo nove nutricionistas, uma técnica em nutrição, uma auxiliar de nutrição, duas assistentes sociais, uma coordenadora de serviço social, uma podóloga e uma enfermeira. Já na série B, encontramos duas nutricionistas, uma assistente social, uma psicopedagoga, uma psicóloga, uma assessora de imprensa e uma administradora. Ainda assim, 14 clubes não apresentavam mulheres relacionadas. Mesmo lidando com a hipótese de que esses números pudessem estar incompletos, pois onze clubes não expunham esse tipo de informação em seus sites, dificultando a precisão destes números, podemos identificar ainda uma presença tímida das mulheres enquanto treinadoras, bem como, conjecturar que os cargos que mais absorvem as mulheres são aqueles que, de alguma maneira, fazem “alusão” às funções de mãe, vinculadas ao cuidar.

Duas técnicas exemplificaram situações que viveram devido ao ambiente do futebol de mulheres ainda se estabelecer como predominantemente masculino, alimentando a “roda” de exclusão gerada pela falta de oportunidade para as mulheres ingressarem e permanecerem neste espaço.

[...] só tem eu de mulher, a equipe toda ... do roupeiro, roupeiro, que era pra ser uma mulher, uma roupeira, para estar entrando no vestiário, cuidando das roupas das meninas, é um roupeiro, é um homem, que está lá o tempo todo, no vestiário, tipo, é complicado por que as meninas, não é igual a um vestiário masculino, que os homens andam para lá e pra cá, acho que de cueca, já presenciei, mas no das meninas não, tem eu, e tem toda uma comissão masculina que as meninas tem que ir lá para outro lado trocar de roupa, volta pra cá, tem tudo isso, mas, também, como perspectiva eu espero que isso mude e as mulheres realmente tomem o seu lugar que é de direito, que é estar ali dentro do campo também, não é um ambiente completamente masculino, a gente sabe disso. (ANGÉLICA)

Um lado ruim é que eu gostaria de estar mais integrada com as outras categorias, então eu gostaria de me tornar mesmo amiga dos treinadores do sub 15, sub 17, sub 20 e do profissional, e tem-se, no Laranja tem uma abertura inicial assim sabe? Eles realmente deixam, mas tem um receio assim, de verdade, tem dois tipos de receio, um, de ‘será que ela sabe mesmo futebol?’ ‘Será que ela só está aqui por que precisavam de uma treinadora mulher na função, não por que ela é boa?’ e dois que, sempre vão estar receosos do tipo, eu vou introduzir essa mulher aqui no meio de um bando de homem e o que vão pensar de mim? se eu trocar mensagens com essa treinadora, se eu sair do jogo e conversar com ela, sempre vão pensar que tem alguma intenção além da intenção profissional, então eu sinto que para eles nem

passaram por isso, então por isso, eles nem tem a relação, prefere não ter a relação [...] por que as vezes eu penso assim, do tipo se eu fosse homem, eu poderia chegar pro cara, mandar mensagens e falar 'e aí o que você está fazendo? vamos discutir, vamos sair ali no barzinho e discutir futebol' e nessas coisas sempre vão ter um receio, e eles ainda não estão acostumados de ter uma mulher [...] a pergunta tem que ser sempre assim, vocês querem ou não querem ter futebol feminino? Queremos, quer por que é obrigatório ou quer por que acredita que é bom? Ah, mais ou menos, ah então o que você quer? Ah... a gente acredita que vai ser bom nisso, nisso e nisso, está bom, então vamos pensar, as coisas tem que fazer sentido, eu, nesse clube, no Laranja, nunca passei por nenhuma experiência que as coisas não faziam sentido, então assim, mas por exemplo, em outro clube que eu trabalhei, passei por vários argumentos que não faziam sentido [...]. (CAMILA)

Na primeira situação relatada podemos falar de uma insensibilidade muito grande, ou seja, o fato das atletas terem que se deslocar para outro espaço para poderem se trocar é impressionantemente sem cabimento. Algo que poderia ser facilmente resolvido, como foi dito pela treinadora, tendo uma mulher como roupeira. Já o segundo relato, é muito triste, pois revela o medo de ter contato com outros homens, na mesma profissão, devido a rótulos que podem se estabelecer ou mesmo pré-julgamentos sobre a competência profissional enquanto mulher.

Para o final desse subcapítulo, uma fala nos pareceu resumir bem tudo o que as entrevistadas nos disseram sobre o tempo presente em que vem vivendo o futebol de mulheres no Brasil.

Eu acho que quem já vive o futebol feminino em si que nem eu aí, que já estou há 24 anos dentro da modalidade, a gente já passou por muita coisa, desde preconceito lá no início, de jogar com os meninos por que não tinha meninas para jogar, até o momento atual de hoje, então, cresceu muito, mas o que eu diria, independente se ela quer ser jogadora de futebol, se ela quer ser treinadora, se ela quer ser fisiologista, massagista, cada vez mais o mercado está se abrindo e acho que tu tem que buscar conhecimento, procurar estar estruturada para quando a oportunidade chegar, tu conseguir dar conta de tudo aquilo que envolve tudo e acredito que só o teu dia a dia vai te fortalecendo e fazendo tu superar aí as dificuldades, que eu acho que não só do futebol, em qualquer outra área a gente vai ter, vai ter que enfrentar, nada vem muito fácil, até porque, se fosse muito fácil, acho que a gente nem estaria aqui. (JESSICA)

4.3 Futuro

Como última categoria de análise, aqui as treinadoras apresentaram suas perspectivas para o futuro da profissão e para o futuro do futebol de mulheres

[...] o que eu espero para o futebol feminino é que realmente ele tenha o valor que merece, o respeito que merece, que hoje ainda você vê mais preconceito, ele tá muito relacionado principalmente a falta de respeito que nós não temos, para muitos homens, que estão lá no ambiente, no futebol feminino mesmo sendo futebol feminino, ainda é um ambiente masculino, de feminino só tem as atletas, e quem tá lá mandando, ainda são muitos homens e eu penso no dia da minha apresentação do clube, essa foi uma das minhas falas: o que eu mais quero? Eu não quero estar aqui na frente sendo a única mulher porque quando eu fui falar, eu fiquei a frente e atrás de mim tinham 15 homens [...]. Eu quero estar falando para vocês que estão na minha frente, que eram as meninas, as atletas, que aqui atrás de mim também sejam mulheres iguais a mim com esse mesmo pensamento de que a gente assuma o nosso lugar naquele local, naquele espaço que é nosso por direito. (ANGELICA)

[...] eu gostaria de ver o futebol como uma elite intelectual e de gestão de pessoas assim, muito forte, o futebol feminino no aspecto de mulheres, quando eu estou do lado de mulheres. Por exemplo, fui assistir a final do brasileiro [...] quando eu olhei estava todo mundo lá no camarote, eu olhava pro lado assim e, cara, que bando de mulher... forte, né?! Então esse sentimento, que raramente acontece, isso só acontece num nível mais alto, mas isso deveria acontecer em todos os níveis, em todos os clubes, de você estar ao lado de mulheres que você olha pro lado e 'cara, que grupo de mulheres'. O que eu já fui exposta de forma acadêmica, já fui exposta a departamento com professoras muito boas, coordenadoras muito boas, então eu acho que o futebol, futuramente, vai ter grupos de mulheres admiráveis, que as crianças vão olhar assim, ver na televisão e pensar 'quero ser aquilo ali' e para mim, acho que são o mesmo, só crescimento e evolução, sempre. (CAMILA)

[...] O que eu vejo muito é que tem aumentado o número de mulheres e cada vez mais eu acredito que esse número vai ser maior, a gente percebe que a mulher busca muito o conhecimento e isso acaba tendo mulheres como referência, mulheres campeãs, mulheres que fizeram projetos acontecerem e realmente darem certo. Eu acredito que esse movimento ele vai ser cada vez maior [...] mas eu acredito que ainda vai ser muito melhor e que cada vez mais a mulher vai poder estar inserida nesse meio e que tem total competência para isso, acredito muito na mulher e, particularmente, é uma coisa que eu vejo que só vai crescer e tenho boas perspectivas para o futuro, a realidade hoje não é a ideal, está longe de ser, mas com certeza o futuro é muito promissor. [...] É isso que eu comentei, é um futuro muito promissor, acredito que, eu vejo esse interesse pela mulher como treinadora nas equipes, não só por toda a trajetória que já enfrentou, mas principalmente porque a mulher tem dado resultado, principalmente no Brasil, se for fazer uma análise aí dos últimos títulos, em vários deles vão ter mulheres, e tem dado certo nas equipes, também acho que a gente não pode tirar o papel do homem, tem muitos treinadores competentes, tem que ter essa visão também, mas a mulher tem aberto seu caminho e vejo um futuro muito promissor (ROBERTA)

Olha, eu acredito que a cada ano que passa a gente possa ter mais mulheres nos comandos técnicos das equipes de futebol feminino e quem sabe até masculino, por que não?! Então meu sonho aí é ver uma treinadora dirigir uma dessas grandes equipes do futebol masculino também, como eu falei, a gente precisa correr atrás para procurar estar sempre se atualizando, estar sempre buscando

conhecimento para quando as oportunidades aparecerem a gente estar preparada. (JESSICA)

[...] se bem que o treinador no Brasil não é valorizado, acaba dando no mesmo, só que a gente seja um pouco mais equilibrado que o masculino, que nos enxerguem com uma visão melhor, que aí é cultural, acho que é muita coisa que só vai ver por mais anos, quando eu tiver mais velhinha acho que vou ter essa percepção de que realmente mudou, acho que vai beirar uns 20 anos aí para o negócio dar um pouquinho de melhorada como a gente deseja. Quando eu digo isso o pessoal fica olhando pra mim de um lado pro outro, vamos morrer antes. Confiança é tudo, lá de cima a gente vai tá vendo o que vai estar acontecendo, mas foi a gente que lutou [...]. (CLARA)

Uma das entrevistadas apresentou sua perspectiva relacionada ao salário da profissão de treinadora no futuro

[...] eu não tenho ambições financeiras, nunca tive, mas, às vezes, eu não tenho tanto medo de não ganhar muito agora ou de ganhar pouco agora, porque eu sinto que futuramente... eu tenho trinta anos, quando eu tiver quarenta eu acho que os treinadores vão ganhar muito bem... o futebol feminino vai estar em um posicionamento em que eu não vou me preocupar tanto, então, os problemas que eu tenho agora financeiros talvez daqui há 10 anos eles não vão existir, então, paciência [...]. Como eu falei, acho que já falei isso, acho que futuramente vai ter um retorno financeiro maior, acho que vai ter um respeito maior, quanto mais gente a gente consegue botar e mostrar que é uma profissão, mais pessoas boas vão se interessar, mais capacitada a gente vai estar, mais competitivo vai se tornar a área e melhor vai estar, eu acho que vai ficar um luxo de pessoas muito inteligente assim, sabe?! (CAMILA)

Entre percalços, obstáculos e incontáveis desafios, as treinadoras viram um futuro muito promissor, encharcadas de esperança, mas cientes da luta, elas vão construindo suas trajetórias e nos ensinando sobre diversidade, respeito, equidade e justiça social. Que possamos aprender com elas!!!!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi apresentado, a partir do objetivo desse trabalho, que era identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol de mulheres no Brasil, vimos uma aproximação entre os desafios enfrentados tanto em histórias de ex-jogadoras como de treinadoras de futebol para mulheres.

A carreira de jogadora, encurtada por lesões, não as afastou do interesse pelo futebol, ao contrário disso, fortaleceu o interesse pela oportunidade de continuidade dentro do mundo do futebol.

Foram incontáveis os desafios vivenciados pelas entrevistadas, envolvendo desde o machismo; convívio com críticas que colocavam em xeque suas competências, exclusivamente por serem mulheres; falta de apoio dentro do próprio clube; precárias condições materiais e estruturais para desenvolverem seus trabalhos; baixos salários; dentre muitos outros. Nada disso, até o momento, foi o suficiente para que elas desistissem da carreira, muito pelo contrário, todas elas se mostraram estar otimizadas ao olharem para o futuro, com um pensamento positivo voltado para a valorização tanto financeira quanto estrutural e também com o aumento de mulheres dentro do futebol de mulheres e até mesmo dentro do futebol masculino.

Um dos grandes desafios desse trabalho se deu na obtenção de um número maior de treinadoras para participarem do estudo pois, além de aceitarem, tinham que disponibilizar um dia/horário para a realização das entrevistas que foram feitas de modo online por causa da pandemia de Covid-19. Esse distanciamento, também inviabilizou eventuais visitas nos clubes onde estas atuavam e que poderiam enriquecer os dados e ampliar os campos de análise da pesquisa.

Para nós, este trabalho é de grande relevo pelo fato de que essa temática carece de mais estudos de modo a ampliar a dar visibilidade aos enfrentamentos vividos por estas mulheres. Trata-se da defesa de uma agenda, ou seja, de um espaço que também é delas e, de um modo geral, não falamos aqui só de mulheres no futebol, mas de mulheres em nossa sociedade que lidam cotidianamente, ainda hoje, com abusos, estupros, violências de todo tipo, silenciamentos, invisibilidades...

Uma sugestão de estudo futuro seria a realização de um grande mapeamento acerca da quantidade e funções desempenhadas por mulheres que trabalham dentro do futebol de mulheres (treinadoras, auxiliares, preparadoras físicas e de goleiras, fisioterapeutas, psicólogas, massagistas, roupeiras, jornalistas, narradoras...) nos ajudando a visualizar e a compreender esse grande cenário do futebol com elas.

As contribuições desse trabalho para minha formação se deram na perspectiva de poder compreender a complexidade que é o trabalho de uma profissional dentro de um esporte que é o mais praticado do país: o futebol. Esporte este que apresenta faces muito distintas quando se trata de ser mulher e de ser homem. Entrevistar essas mulheres também trouxe muita inspiração para mim como mulher e uma grande admiração por elas por tudo que fizeram, por tudo que fazem e por tudo que ainda pensam em fazer. A palavra desistir não está presente no vocabulário delas!

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Vivian; CARPENTER, Linda. The Status of women in intercollegiate athletics. *In*: BIRREL, Susan; COLE, Cheryl. **Women, sport and culture**. Champaign: Human Kinetics, 1994, p.111-118.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação**. Porto, Portugal. Porto Editora, 1994
- BARREIRA, Júlia; MAZZEI, Leandro Carlos; DE CASTRO, Flavio Denardi; GALATTI, Larissa Rafaela. Conmbebol e o Futebol de Mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in)existentes na América do Sul. *In*: MARTINS, Mariana *et al.* (org.). **Futebol de Mulheres no Brasil: Desafios para políticas públicas**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020. 206 p.29-43.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa** [recurso eletrônico]: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Magda Lopes; Consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva. – 3. Ed. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DE SOUZA, Gustavo Lopes Pires *et al.* Futebol feminino: espaço em construção. **Acta jurídica peruana**, v. 3, n. 1, p. 75-91, 2020.
- FERREIRA, Heidi Jancer *et al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.
- FERREIRA, Heidi Jancer; SALLES, José Geraldo Carmo; MOURÃO, Ludmila Nunes. Inserção e permanência de mulheres como treinadoras esportivas no Brasil. **Journal of Physical Education**, v. 26, n. 1, p. 21-29, 2015.
- FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa** [recurso eletrônico]. Tradução: Roberto Cataldo Costa; consultoria, supervisão e revisão técnica: Dirceu da Silva – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2009
- FURLAN, Cássia Cristina; DOS SANTOS, Patrícia Lessa. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. **Motrivivência**, n. 30, p. 28-43, 2008.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade. **Revista USP**, n. 117, p. 31-38, 2018.
- GOMES, R. A. Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. *In*: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80
- GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. Editora Contexto, 2013.
- JANUÁRIO, Soraya Barreto; VELOSO, Ana María Da Conceição; CARDOSO, Laís Cristine Ferreira. Mulher, mídia e esportes: a Copa do Mundo de Futebol Feminino sob a ótica dos portais de notícias pernambucanos. **Epetic**, São Cristovão, v. 18, n. 1, p. 168-184, 2016.

KESSLER, Claudia Samuel. O futebol de mulheres: notas de rodapé. *In*: MARTINS, Mariana *et al*, (org.). **Futebol de Mulheres no Brasil**: Desafios para políticas públicas. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 49-63.

KESSLER, Cláudia Samuel. Se é futebol, é masculino? **Sociologias Plurais**, n. 1, p. 240-254, 2012.

KNIJNIK, Jorge Dorfman; VASCONCELOS, Esdras Guerreiro. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. **Mulher & esporte** [S.l: s.n.], 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira *et al*. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. 21^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 9-29.

MOURA, Diego Luz *et al*. Esporte, mulheres e masculinidades. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v.5, n.13, p.1-22, 2010.

MOURÃO, Ludmila; MOREL, Marcia. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005

NOVAIS, Mariana Cristina Borges; MOURÃO, Ludmila Nunes. As treinadoras do futebol de mulheres no Brasil: desafios, estratégias e resistências. *In*: MARTINS, Mariana *et al*, (org.). **Futebol de Mulheres no Brasil**: Desafios para políticas públicas. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, p. 101-115.

PASSERO, Julia Gravena *et al*. Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. **Movimento**, v. 26, p. 26060, 2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 30, n. 2, p. 303-311, 2016.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Registros do futebol feminino na revista Placar: 30 anos de história. **Motrivivência**, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de Souza. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. 2013. 314 p. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de Souza; PEREIRA, Mateus Camargo. Futebol como direito e profissão de mulheres: passado, presente e perspectivas para o futuro. *In*: MARTINS, Mariana *et al*. (org.). **Futebol de Mulheres no Brasil**: Desafios para políticas públicas. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, p.65-83.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira de Souza; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. **Futebol de mulheres**: a batalha de todos os campos. 1^a ed. Esporte e Ciências Humanas. Paulínia: Autoresporte, 2018.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa** [recurso eletrônico]: estudando como as coisas funcionam. Tradução: Karla Reis; Revisão Técnica: Nilda Jacks. – Dados eletrônicos. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitan. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013.

WENETZ, Heana; MARTINS, Mariana Zuaneti. Apresentação. *In*: MARTINS, Mariana *et al.* (org.). **Futebol de Mulheres no Brasil**: Desafios para políticas públicas. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2020, p.9-17.

APENDICÊS

APÊNDICE 1 – Carta Convite



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



Bauru, 17 de agosto de 2021.

Prezada treinadora,

Temos identificado que o cenário profissional de atuação das mulheres vem passando por significativas reconfigurações no mundo que implicam em mais oportunidades de trabalhos e reconhecimento tanto social quanto financeiro. Todavia, essa construção não se dá sem luta, na medida em que há ainda inúmeras barreiras a serem superadas quando falamos das condições e oportunidades na relação com os homens. Essa constatação nos parece bastante presente inclusive no campo de trabalho das treinadoras mulheres no futebol feminino.

Neste sentido, estamos desenvolvendo a pesquisa intitulada "MULHERES COMO TREINADORAS NO FUTEBOL DE MULHERES BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO" com os objetivos de identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol feminino brasileiro.

Tal estudo é realizado pela graduanda Marília Balduino dos Santos sob a orientação da Profa. Dra. Lillian Aparecida Ferreira junto ao curso de graduação em Educação Física da UNESP, campus de Bauru. Cumpre sinalizar que tal pesquisa já foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da UNESP/Bauru sob o número de parecer 4.903.813.

Após tais explicações, temos a satisfação de convidá-la para participar desta investigação com a expectativa de dar visibilidade às mulheres no esporte, em especial, no papel de treinadoras junto ao futebol feminino, contribuindo para demarcar as conquistas e enfrentamentos vivenciados na construção desta carreira, bem como, indicar possíveis reestruturações que tragam melhorias no âmbito das oportunidades e condições de trabalho para estas mulheres. Sua participação envolverá responder um conjunto de questões sobre o assunto por meio de uma entrevista que será realizada pelo Google Meet e agendada em dia e horário adequados para você. Cumpre reforçar que, após o aceite, será enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar do estudo com todas as informações detalhadas e esclarecimentos que se fizerem necessários.

Certas de contarmos com a sua colaboração, desde já agradecemos.

Atenciosamente,

Marília Balduino dos Santos

Marília Balduino dos Santos

Lillian Aparecida Ferreira

APÊNDICE 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA CAMPUS DE BAURU Faculdade de Ciências

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Bauru, _____ de _____ de 2021.

Olá, estamos convidando você para participar da pesquisa intitulada MULHERES COMO TREINADORAS NO FUTEBOL DE MULHERES BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO. O objetivo deste estudo é identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol feminino brasileiro.

Tal estudo será realizado pela graduanda do curso de bacharelado em Educação Física Marília Balduino dos Santos sob orientação da professora Lílian Aparecida Ferreira, ambas do curso de Educação Física da UNESP/Bauru.

Você irá responder perguntas, por meio de uma entrevista - realizada individualmente, que envolverão temáticas relacionadas às: identificações pessoais e acadêmicas; trajetória profissional (tempo de atuação, clubes em que atuou, salário, bens materiais conquistados pela profissão, tempo de trabalho e condições objetivas de trabalho); percepções sobre ser treinadora de futebol de mulheres no Brasil (mulher no esporte e no futebol; as mulheres nos cargos de liderança no futebol; as mídias na relação com as treinadoras; as federações e a Confederação Brasileira de Futebol na interface com as treinadoras; copa do mundo de futebol, competições internacionais, nacionais e a participação das treinadoras; dificuldades enfrentadas pelas treinadoras e possibilidades para a constituição da carreira de treinadora mulher no futebol feminino).

Por conta da pandemia de Covid-19 que ainda exige distanciamento entre as pessoas, a entrevista será realizada virtualmente pelo *google meet*, sendo gravada para utilização exclusiva do estudo.

Neste encontro online, será realizada a leitura deste termo e sua manifestação, de aceite ou não, será verbal, sendo gravada por audiovisual. Posteriormente, este vídeo será enviado à você por email.

Os riscos da pesquisa estão vinculados à eventuais desconfortos para responder as questões da entrevista. Em caso destas ocorrências, a pesquisadora irá lhe oferecer todo o suporte necessário. Para além destes riscos, cumpre destacar que, em virtude das limitações correspondentes ao controle absoluto do ambiente virtual, há limitações para assegurar totalmente a confidencialidade dos dados registrados em audiovisual. Ainda assim, nos comprometemos a fazer o *download* dos dados coletados para um dispositivo local, apagando todo e qualquer registro de plataforma virtual, ambiente compartilhado ou nuvem, zelando pelo seu arquivamento em local seguro com utilização exclusiva para fins acadêmico-científicos. O mesmo será realizado com o registro da sua manifestação relacionada ao termo de consentimento.

Enquanto benefícios, a sua participação ajudará a construir reflexões para uma melhor compreensão dos processos de construção das trajetórias de mulheres na carreira de treinadora esportiva junto ao futebol feminino, dando visibilidade às peculiaridades e desafios enfrentados por estas profissionais.

Não precisa participar do trabalho se não quiser, é um direito seu. Também não terá nenhum problema se quiser desistir depois de ter iniciado sua participação. Caso seja esse o caso, poderá enviar mensagem aos e-mails _____@unesp.br ou _____@unesp.br bem como aos telefones (16) _____ ou (14) _____ para a retirada do consentimento. Nestas situações, enviaremos para seu contato a sua resposta de retirada do consentimento do estudo.

Caso você não entenda algo sobre a entrevista, não goste de qualquer situação que identificar ou tenha alguma outra dúvida sobre a pesquisa, você pode procurar tanto a graduanda Marília quanto à professora Lílian pelos telefones acima indicados.

Você não receberá nenhum tipo de auxílio financeiro para participar da pesquisa, tendo como gasto o uso de sua rede de internet para responder às questões da entrevista.

Em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será garantida a sua indenização.

Os seus direitos como pessoa serão respeitados, seguindo as orientações das Resoluções nº 466 de dezembro de 2012 e nº 510 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata do respeito ao ser humano nas pesquisas científicas.

Eu _____ aceito participar da pesquisa.

Contato do Comitê de Ética da Faculdade de Ciências/UNESP/Bauru
Coordenador: Prof. Dr. Mário Lázaro Camargo
Fone: (14) 3103-9400
E-mail: cepesquisa@fc.unesp.br

Discente: Marília Balduino dos Santos
Email: marilia.balduino@unesp.br

Assinatura: Marília B. Santos

ANEXO – Aprovação do Comitê de Ética

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: MULHERES COMO TREINADORAS NO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

Pesquisador: Lilian Aparecida Ferreira

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 47709021.3.0000.5398

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.903.813

Apresentação do Projeto:

Apresenta-se em conformidade ética no campo da pesquisa qualitativa.

Objetivo da Pesquisa:

Nas palavras das pesquisadoras: "Identificar e analisar as perspectivas de mulheres sobre a construção de suas trajetórias como treinadoras no futebol feminino brasileiro."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Avalio que estão plenamente de acordo com as exigências das Resoluções em vigor.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Considero pesquisa relevante no que diz respeito ao tema "ser mulher, treinadora futebolista brasileira e seus enfrentamentos históricos e socioculturais."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considero de acordo com as exigências das Resoluções em vigor.

Recomendações:

Ampliar e atualizar a revisão da literatura pertinente ao tema.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Concluo que corresponde plenamente em termos de Ética e Ciência Qualitativa.

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01

Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360

UF: SP Município: BAURU

Telefone: (14)3103-9400 Fax: (14)3103-9400

E-mail: cepsquisa.fc@unesp.br

**UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS CAMPUS BAURU -
JÚLIO DE MESQUITA FILHO**



Continuação do Parecer: 4.903.813

Considerações Finais a critério do CEP:

Projeto considerado "aprovado" por estar em conformidade com os parâmetros legais, metodológicos e éticos analisados pelo colegiado deste CEP - Comitê de Ética em Pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1762324.pdf	26/05/2021 12:18:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETOfinal_MBS_2021.pdf	26/05/2021 12:18:09	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_MBS.pdf	26/05/2021 12:17:27	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_Final_MBS.pdf	26/05/2021 12:16:43	Lilian Aparecida Ferreira	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BAURU, 13 de Agosto de 2021

**Assinado por:
Mário Lázaro Camargo
(Coordenador(a))**

Endereço: Av. Eng. Luiz Edmundo Carrijo Coube, nº 14-01
Bairro: CENTRO CEP: 17.033-360
UF: SP Município: BAURU
Telefone: (14)3103-9400 Fax: (14)3103-9400 E-mail: cepesquisa.fc@unesp.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências - Bauru



**MULHERES COMO TREINADORAS NO FUTEBOL DE
MULHERES BRASILEIRO: TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO**

Marília B. Santos

Autora: Marília Balduino dos Santos

Orientadora: Profa. Dra. Lilian Aparecida Ferreira